



latest works

CICLOTRAMA

Janaina Mello Landini



CICLOTRAMA

by Janaina Mello Landini

Ciclotrama é uma palavra inventada por Janaina para se referir à pesquisa que a artista vem desenvolvendo há mais de seis anos.

Conceitualmente uma Ciclotrama é uma seção de um ciclo contínuo e binário, é uma estrutura esquemática com característica hierárquica, composta de partes interdependentes.

A idéia principal da artista é desenvolver o raciocínio de um desenho espacial através da experiência de tensão física entre os fios, dispondo da distribuição das cargas recebidas por cada um deles - já que apenas estes finos fios tocam a arquitetura - apontando para a infinita interconectividade e interdependência das trajetórias individuais no sistema como um todo.

O tempo gasto na dinâmica de desfazer e refazer uma corda - desenrolar, dividir e torcer - fica impresso no corpo orgânico das Ciclotramas.

Em última análise, as Ciclotramas se oferecem ao observador como um lugar de bifurcações rítmicas onde, metaforicamente, os Estudos sobre a dinâmica dos fluidos de Leonardo da Vinci, no Código Ubrinas, possam explicar a semelhança das Ciclotramas com as estruturas da natureza. Ali se diz do comportamento dinâmico da seiva nas árvores, do sangue no sistema vascular, do ar nos brônquios, das águas nos rios; de estruturas microscópicas ao mapeamento mais subjetivo de fluxos diversos e universais.

Sobre a artista:

Nascida em São Gotardo, Minas Gerais (1974) Brasil.

Vive e trabalha em São Paulo.

Formou-se em Arquitetura em 1999 e cursou Belas Artes de 2004 a 2007, ambas na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil.

Sua produção artística abrange seu conhecimento de arquitetura, física e matemática e suas observações sobre o tempo, para tecer sua visão de mundo. Seu trabalho transita entre diferentes escalas - do objeto aos espaços públicos. Nos últimos seis anos, mostrou seu trabalho em exposições em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte, Belém, Itália, Inglaterra, França, Holanda, Japão, Colômbia, entre outros lugares. Ela participa de várias coleções como Fondation Carmignac, BIC Collection, Corinne Ricard, Sérgio Carvalho, Graeme W. Briggs, Jorge Gruenberg and Shom Hinduja.

CICLOTRAMA

by Janaina Mello Landini

Ciclotrama is a invented word by Janaina to adress to the ongoing project the artist has been developing for over seven years.

Working with threads and strings, she creates site-specific installations that occupy the space in an immersive and unexpected way.

For her, a Ciclotrama is a section of a continuous and binary cycle, it is a schematic structure with a hierarchical feature, composed of interdependent parts, performing between the utmost Sintopia till the opposite Entropic side of the same system composed by individuals.

The artist's main idea is to create a physical experience of tension, depicting imaginary networks, which define spaces and retell narratives. The social cartography of individual networks shows the infinite interconnectedness and interdependence of personal trajectories throughout a system, society, and the world as a whole. The movement of bodies (ropes) and the relationship between rhythm and time are also fundamental aspects of these series.

About the artist:

Born in São Gotardo, Minas Gerais (1974) Brazil, Janaina Mello Landini lives and works in São Paulo.

She graduated in Architecture in 1999 and studied Fine Arts from 2004 to 2007, both in the Federal University of Minas Gerais (UFMG), Brazil.

Her artistic output encompasses her knowledge of architecture, physics and mathematic and her observations about time, to weave her worldview. Her work transits between different scales – from the object to public spaces.

In recent years, he has shown his work in exhibitions in São Paulo, Rio de Janeiro, Brasilia, Belo Horizonte, Belém, Italy, England, France, Netherlands, Japan, Colombia, among other places. She participates in several collections such as Fondation Carmignac, the BIC collection, Corinne Ricard, Sérgio Carvalho, Graeme W. Briggs, Jorge Gruenberg and Shom Hinduja.

CICLOTRAMA

par Janaina Mello Landini

Ciclotrama est un néologisme inventé par Janaina pour désigner le projet que l'artiste développe depuis 2010.

Travaillant avec des fils et des cordes, elle crée des installations in situ qui occupent l'espace d'une manière immersive et inattendue.

Pour elle, un Ciclotrama est une section d'un cycle continu et binaire, c'est une structure schématique avec une caractéristique hiérarchique, composée de parties interdépendantes, jouant à la fois une vaste syntopie qu'une entropie, opposé d'un même système composé par des individus.

L'idée principale de l'artiste est de créer une expérience physique de tension, dépeignant des réseaux imaginaires, qui définissent des espaces et racontent des récits. La cartographie sociale des réseaux individuels montre l'infinie interconnexion et l'interdépendance des trajectoires personnelles à travers un système, la société et le monde dans son ensemble. Le mouvement des corps (cordes) et la relation entre le rythme et le temps sont également des aspects fondamentaux de ces séries.

A propos de l'artiste:

Née à São Gotardo, Minas Gerais (1974) Brésil, Janaina Mello Landini vit et travaille à São Paulo.

Diplômée en architecture en 1999, elle a étudié les beaux-arts de 2004 à 2007, tous deux à l'Université fédérale du Minas Gerais (UFMG), Brésil.

Sa production artistique englobe sa connaissance de l'architecture, de la physique et des mathématiques et ses observations sur le temps, pour tisser sa vision du monde. Son travail transite entre différentes échelles - de l'objet à l'espace public.

Ces dernières années, elle a participé à des expositions à São Paulo, Rio de Janeiro, Brasilia, Belo Horizonte, Belém, Italie, Angleterre, France, Pays-Bas, Japon, Colombie, etc. Elle participe à plusieurs collections telles que la Fondation Carmignac, la collection BIC, Sérgio Carvalho, Graeme W. Briggs, Jorge Gruenberg et Shom Hinduja.



CICLOTRAMA

texts Paulo Miyada

Existem poéticas do espaço e espaços poéticos – e isso não necessariamente tem a ver com as habilidades compositivas de algum arquiteto. Existem também lugares de afeto e afeto por lugares – e isso tampouco remete sempre a alguma beleza inequívoca da forma dos espaços. É que, no caso das espacialidades, afetos e poéticas derivam de vivências e de modos de constituição, respectivamente. Neste aspecto, importa menos a morfologia do que os modos como os espaços se tecem e vestem.

Sem precisar teorizar sobre isso, Janaina Mello Landini se coloca a tecer e vestir o espaço como quem faz e desenrola uma corda. Melhor, como quem desfaz uma corda que se esparrama e gruda nas paredes. Gruda, posto que é linha, amarrando-se a pregos. Muitos pregos, muitas linhas. Cada linha, um prego; e uma só corda que emaranha os pontos de partida dos vetores que atravessam as distâncias entre as paredes.

Diante dessa corda desfeita, destrama, ciclotrama de Janaina, é natural pensar na natureza das raízes das plantas, dos sistemas circulatórios dos corpos, das terminações nervosas dos neurônios, dos feixes elétricos dos raios e assim por diante. E para quem o natural é o campo das ideias, é fácil passar daí às teorias rizomáticas da filosofia pós-estruturalista.

Mas desaceleremos nas metáforas que nos são sugeridas pelos isomorfismos para pensar mais no que está sendo destecido. As ações subsequentes da artista promovem uma relação peculiar entre um objeto e sua posição no espaço como parte integrante e constituinte dele. Vejamos. Se há uma corda sobre o chão da sala, ainda que a corda seja grossa e longa, a diferença de escala entre a sala e a corda permite identificar entre elas uma relação entre continente e conteúdo, borda e objeto. Porém, à medida que a corda se desmancha, espalha seus ramais e descola-se do chão, ela – embora mais fina – se transforma de algo que está “contido por” para algo que constitui o espaço. A corda, ao ocupar o ar em suas ramificações, fina e

frágil, dá conta de alterar a percepção da sala. Antes de notar a parede, antes mesmo de se dar conta de que existem paredes, as ciclotramas se apresentam como transparência e limite. Com efeito, não é possível entrar, pois elas fazem o espaço enquanto o tomam vorazes.

A poética desse espaço, então, só pode ser aquela do campo pleno, que se confunde com sua própria visibilidade, no caso a visibilidade resultante do adensamento das linhas que ligam suas paredes. Por um lado, não há espaço para o visitante, ele está excluído da relação em que continente e conteúdo se equiparam em escala e presença. Por outro, o olhar persistente pode atravessar o emaranhado, alcançando detalhes da arquitetura e se perder confundindo profundidades.

É e não é um vórtice. Na prática não é, porque as linhas não escoam para a corda, mas se expandem a partir dela, sucessivamente dividindo-se em progressão geométrica. Mas também é, como percepção, pois o olhar é tragado pela rede de fios. Quem quiser pode então perguntar: Trata-se de experimentação pura sobre as propriedades e possibilidades escultóricas de um material, a corda? Ou seria esta uma espécie de tratado empírico da natureza da percepção dos espaços? Ou uma metáfora de alguma narrativa implícita?

Respostas exclusivas parecem não caber bem no que diz respeito à arte, mas fico com a impressão de que o exercício da artista reflete, em primeiro lugar, os efeitos desorientadores que decorrem da transcrição para a realidade concreta de algo que, como modelo matemático, é muito simples. A cada bifurcação a linha se duplica – 2, 4, 8, 16... – e ao mesmo tempo divide sua espessura pela metade – 1, $\frac{1}{2}$, $\frac{1}{4}$... No limite, haveria o zero, infinitas linhas de espessura zero. Mas zero é coisa de abstração matemática. Na prática, a teoria é outra. Ao invés de fazer referência ao mínimo, o que a ciclotrama enreda é um todo envolvente e sinuoso que toma o espaço e os sentidos de quem a observa.

CICLOTRAMA

texts Paulo Miyada

There are poetics of space and poetic spaces - and this does not necessarily have to do with the compositional skills of any architect. There are also places of affection and affection for places - and nor does this always refer to some unmistakable beauty of the form of the spaces. The thing is that, in the case of spatiality, affections and poetics derive from experiences and from constitution modes, respectively. In this respect, the morphology is less important than are the ways in which spaces are woven and dressed.

Without having to theorize about this, Janaina Mello Landini weaves and dresses the space as one makes and unbraids a rope. Or better, as one who dismantles a rope which disperses and sticks to the walls. It sticks, since it is string, by tying itself to nails. Many nails, many lines. For each line, one nail; and one single rope entangling the starting points of the vectors that traverse the distances between the walls.

In face of this unbraided, unwoven, ciclotrama of Janaina, it is natural to think of the nature of the roots of plants, of the circulatory systems of bodies, of the nerve endings of neurons, of the electrical beams of rays and so on. And, for those to whom the natural is the realm of ideas, it is easy to go from there to the rhizomatic theories of post-structuralist philosophy.

But let's slow down on the metaphors which are suggested to us by isomorphisms, to think more deeply about what is being unwoven. The subsequent actions of the artist promote a peculiar relationship between an object and its position in space as an integral and constituent part of it. Let us see. If there is a rope on the exhibition room floor, even if the rope is thick and long, the difference in scale between the room and the rope allows for identifying between them a relationship between container and content, edge and object. But as the rope is dismantled, spreads its ramifications all over the ground, it - although thinner - is transformed from something that is "contained by" into something that constitutes the space. The rope, by occupying

the air in its branchings, thin and fragile, is able to alter the perception of the room. Before noticing the wall, even before realizing that there are walls, the ciclotramas stand transparent and as a limit. Indeed, it is not possible to enter it, because they make the space while occupying it, voraciously.

Thus the poetics of this space can only be that of the filled field, which is confused with its own visibility, in this case the visibility resulting from the densification of lines connecting its walls. On the one hand, there is no room for the visitor, who is excluded from the relationship in which container and content are equivalent in scale and presence. On the other, persistent observation can see through the maze, reaching architectural details and can lose itself, confusing depths.

It is and it is not a vortex. In practice it is not, because the lines do not seep into the rope, but expand from it, successively dividing itself in geometric progression. But also it is, as a perception, because the perspective is engulfed by the network of threads. One then may wish to ask: Is this is about pure experimentation on the sculptural properties and possibilities of a material, the rope? Or would this be some sort of empirical treatise in the nature of perception of spaces? Or a metaphor for some implicit narrative?

Exclusive answers do not seem to fit well with regard to art, but I get the impression that the exercise of the artist reflects, first and foremost, the disorienting effects arising from the transcription to concrete reality of something that, as a mathematical model, is very simple. At each junction the line doubles - 2, 4, 8, 16 ... - and at the same time divides its thickness in half - 1, $\frac{1}{2}$, $\frac{1}{4}$... At the limit, there would be zero, endless lines of zero thickness. But zero is a thing of mathematical abstraction. In fact, the theory is different. Instead of referring to the minimum, what the cyclorama narrates is an entrancing and winding whole, which occupies the space and the senses of those who observe.

CICLOTRAMA

texte Paulo Miyada

Il existe une poétique de l'espace et des espaces poétiques - et cela n'a pas nécessairement à voir avec les capacités de composition d'un architecte. Il y a aussi des lieux d'affection et de l'affection pour les lieux - et cela n'a pas nécessairement à voir avec une beauté absolue de la forme des espaces. Le fait est que, dans le cas de la spatialité, les affects et la poétique dérivent respectivement des expériences et des modes de constitution. A cet égard, la morphologie est moins importante que la façon dont les espaces sont tissés et habillés.

Sans avoir à théoriser à ce sujet, Janaina Mello Landini tisse et habille l'espace au fur et à mesure que l'on fabrique et déroule une corde. Ou mieux, lorsque l'on délie une corde et la disperse pour la fixer aux murs. Elle s'y fixe, puisqu'elle est une ficelle, en s'attachant à des clous. Beaucoup de clous, beaucoup de lignes. Pour chaque ligne, un clou ; et une seule corde enchevêtrant les points de départ des vecteurs qui traversent les distances entre les murs.

Face à ce ciclotrama non tressé, non tissé, de Janaina, il est naturel de penser à la nature des racines des plantes, des systèmes circulatoires des corps, des terminaisons nerveuses des neurones, des faisceaux électriques des rayons, etc. Et, pour ceux pour qui le naturel est le domaine des idées, il est facile d'aller de là aux théories rhizomatiques de la philosophie post-structuraliste.

Mais ralentissons les métaphores qui nous sont suggérées par les isomorphismes, pour réfléchir plus profondément à ce qui n'est pas tissé. Les actions ultérieures de l'artiste favorisent une relation particulière entre un objet et sa position dans l'espace en tant que partie intégrante et constitutive de celui-ci. Voyons voir. S'il y a une corde sur le sol de la salle d'exposition, même si la corde est épaisse et longue, la différence d'échelle entre la pièce et la corde permet d'identifier entre elles une relation entre conteneur et contenu, bord et objet. Mais au fur et à mesure que la corde est démantelée, qu'elle étale ses ramifications sur tout le sol, elle se transforme - bien qu'elle soit plus mince - de quelque chose qui est "contenu par" en quelque chose qui constitue l'espace. La corde, en

l'occupant l'air dans ses branches, mince et fragile, est capable d'altérer la perception de la pièce. Avant même de remarquer le mur, avant même de se rendre compte qu'il y a des murs, les ciclotramas sont transparents et constituent une limite. En effet, il n'est pas possible d'y entrer, car ils forment l'espace en l'occupant, avidement.

La poétique de cet espace ne peut donc être que celle du champ rempli, qui se confond avec sa propre visibilité, en l'occurrence la visibilité résultant de la densification des lignes reliant ses parois. D'une part, il n'y a pas de place pour le visiteur, qui est exclu de la relation dans laquelle le contenant et le contenu sont équivalents en échelle et en présence. D'autre part, l'observation persistante peut voir à travers le labyrinthe, atteindre les détails architecturaux et peut se perdre, confondant les profondeurs.

Il ne s'agit pas d'un vortex. Concrètement, ce n'en est pas un, car les lignes ne s'infiltrant pas dans la corde, mais l'élargissent, se divisant successivement en progression géométrique. Mais s'en est un, en tant que perception, parce que la perspective est engloutie par le réseau des fils. On peut alors se poser la question : s'agit-il d'une pure expérimentation sur les propriétés sculpturales et les possibilités d'un matériau, la corde ? Ou s'agirait-il d'une sorte de traité empirique sur la nature de la perception des espaces ? Ou la métaphore d'un récit implicite ?

Les réponses exclusives ne semblent pas bien s'accorder lorsqu'il s'agit d'art, mais j'ai l'impression que l'exercice de l'artiste reflète d'abord et avant tout les effets désorientants de la transcription en réalité concrète de quelque chose qui, comme modèle mathématique, est très simple. A chaque croisement, la ligne double - 2, 4, 8, 16... - et en même temps divise son épaisseur en deux -1,1/2,1/4.....

En définitive, il n'y aura aucune ligne sans fin de zéro épaisseur. Mais zéro est une abstraction mathématique. En fait, la théorie est différente. Au lieu de se référer au minimum, ce que le ciclotrama raconte est un ensemble envoûtant et sinueux, qui occupe l'espace et les sens de ceux qui l'observent.

CICLOTRAMA 141 (épura)

700cm x 800 cm x 1600cm

20m de corda artesanal de algodão diâmetro 24cm e 2880 metros de fita crepe

20m of handmade cotton rope diameter 24cm and 2880 meters of paper tape

20m de corde de coton 24cm de diamètre et 2880 mètres de scotch

2019

Zipper Galeria, São Paulo, Brasil
Instalação site-specific para a exposição individual “Ciclotrama”
Curadoria Taisa Palhares

Zipper Galeria, São Paulo, Brazil
Site-Specific Installation for solo show “Ciclotrama”
Curated by Taisa Palhares

Zipper Galeria, São Paulo, Brazil
Installation in situ pour l'exposition personnelle “Ciclotrama”
Commissaire d'exposition: Taisa Palhares

Photo: Gui Gomes









Aqui, agora.

texts Taisa Palhares

Em sua recente exposição na Zipper Galeria, a artista Janaina Mello Landini apresenta novas obras da série “Ciclotrama”, realizando pela primeira vez em São Paulo uma grande escultura ambiental especialmente concebida para sala principal da galeria. Como nos trabalhos anteriores, sua pesquisa se dá na intersecção entre diversos saberes e ciências, como arquitetura, geometria, anatomia, física, cartografia, escultura e desenho, criando com base em um raciocínio aparentemente simples estruturas rizomáticas que se imbricam e expandem por meio da ligação e cruzamento de linhas e pontos segundo uma distribuição dinâmica de forças.

Seu trabalho questiona as possibilidades de representação para além de um único ponto de vista, sobrepondo

ao caráter ortogonal da tela e da arquitetura novas coordenadas espaciais que resultam em desenhos de formas orgânicas, de aparência fluida e maleável. Com isso, a artista produz uma “torção conceitual” do uso da geometria quando a trama, figura principal de seu trabalho, é realizada de maneira bastante calculada a partir de um conhecimento científico estabelecido de projeção e representação tridimensionais, mas visando um resultado pouco ortodoxo.

Para Ciclotrama 141 (épura), Janaina Mello Landini fabricou, pela primeira vez, sua própria corda, entrelaçando 1.440 fios de barbante comum. Com isso, ela conseguiu atingir um peso inédito de 120 kg, que deve ser distribuído a partir de um procedimento reiterado de divisão e bifurcação binária, em que por fim a corda será quase desfeita em subdivisões, gerando um total de 2.880 pontas que são fixadas na parede, e são responsáveis por dar sustentação à massa. Esses pontos, basicamente presos com fita crepe, dividem o volume de maneira proporcional, criando uma estrutura cuja estabilidade depende do cálculo exato de compensação de forças.

O resultado é um desenho espacial extremamente delicado, no qual a simplicidade (e por que não dizer precariedade) do material produz uma escultura de enorme potência visual. De alguma maneira, é como se a artista projetasse no aqui e agora as infinitas possibilidades de cruzamento existentes no espaço virtual, corporificando-as e nos convidando a deles participar. No entanto, se as leis da física e da geometria são capazes de dar segurança e estabilidade ao trabalho, Ciclotrama 141 (épura) parece apontar, em seu movimento de equivalências, para o aspecto instável, impermanente ou em constante transformação e reorganização das coisas no mundo. Por isso, essa trama que se expande por toda a galeria assemelha-se a um organismo vivo, como se o espectador, a cada nova visita, fosse capaz de contemplar um outro desenho, uma nova estrutura.

Nas quatro telas que fazem parte da presente mostra (intituladas Ciclotrama 137, Ciclotrama 138, Ciclotrama 139, Ciclotrama 140) e estão expostas numa sala menor, a artista retoma o uso de cordas industriais, que destramadas são fixadas segundo o mesmo sistema de divisão, bifurcação e cruzamento das linhas. No entanto, aqui Janaina Mello

Landini optou por utilizar como plano para superfície um tecido especial utilizado na fabricação de velas para embarcações náuticas. Nele, são bordadas coordenadas geográficas inspiradas em mapas antigos e atuais, antes que a artista instale as tramas em fio colorido. Novamente, o espaço real e o virtual se imbricam, criando um novo desenho, pois ao mesmo tempo que o bordado remete ao existente, a trama nos fala de um espaço imaginário que também pode ser real. A sala das Ciclotramas está disposta de modo que as cordas em tons de azul e preto encontrem-se aglomeradas no centro, conectando todos os trabalhos. Esse amontoado sugere a existência de um núcleo de energia comum, ainda caótico, que tende à propagação, e que será organizado nas tramas sobrepostas de linhas na superfície das telas. Poeticamente, mostra-se a relação indissociável entre a parte e o todo, e a convivência de interdependência e autonomia mediante uma sutil correspondência de forças.

É interessante notar que também essas telas sugerem uma abertura à reorganização. Do ponto de vista teórico, a geografia trabalha com limites relativamente estáveis, ou que demoram muito tempo para serem redesenhados. Mas no mundo contemporâneo as relações e fluxos respondem a uma dinâmica especial, acelerada pela tecnologia. Podemos imaginar novos mapas geográficos criados cotidianamente pelo reinstauração de conexões diversas, para além das limitações do espaço físico. É evidente que essa liberdade de movimento nem sempre é bem acolhida por todos.

Contudo, a vontade de expansão, como a artista parece lembrar, faz parte da história da humanidade, sobretudo desde a Era Moderna. O desejo de mobilidade redesenhou o mapa geográfico e nos deu uma nova apreensão da terra com as Grandes Navegações, um fator decisivo para a formação de nossa visão de mundo. Hoje presenciamos um outro tipo de expansão, talvez menos real, e mais virtual. Mas que tem o mesmo poder de redesenhar nosso imaginário. De qualquer maneira, a forma plástica dos organismos vivos, que parece inspirar a artista, está presente tanto na natureza quanto na sociedade. Entender os contínuos rearranjos de nosso meio social e natural é um desafio mais do que atual. E também ter em mente a fragilidade de seu sistema de compensações recíprocas, que pode ser colocado em xeque por meio de qualquer movimento mais brusco, gerando um desequilíbrio irremediável.



Right here, right now.

texts Taisa Palhares

In her recent exhibition at the Zipper Galeria, the artist Janaina Mello Landini presents new works from the “Ciclotrama” series, showing for the first time in São Paulo a large site specific sculpture specially conceived for the gallery’s main room. As in her previous works, her research focuses on the intersection of several types of knowledge and sciences, such as architecture, geometry, anatomy, physics, cartography, sculpture and drawing, thus creating, on the basis of apparently simple reasoning structures, rhizomatic structures that overlap and expand by connecting and crossing lines and points according to a dynamic distribution of forces.

Her work questions the possibilities of representation beyond a single point of view, superimposing onto the orthogonal character of the canvas and architecture, new

spatial coordinates that result in designs of organic forms, of fluid and malleable appearance. With this, the artist produces a “conceptual twist” in the use of geometry when the web, the main figure of her work, is created in a very calculated way from an established scientific knowledge of projection and three-dimensional representation, but aiming for an unorthodox result.

For Ciclotrama 141 (épura), Janaína Landini fabricated, for the first time, her own rope, interweaving 1,440 yarns of common string. With this, she was able to reach an unprecedented weight of 120 kilos, which had to be distributed from a repeated procedure of binary division and bifurcation, in which finally the rope becomes almost undone through subdivisions, generating a total of 2,880 points that are fixed on the wall, and are responsible for supporting the mass. These points, simply attached with masking tape, divide the volume proportionally, creating a structure whose stability depends on the exact calculation of force compensation.

The result is an extremely delicate spatial design in which the simplicity (and why not say, precariousness) of the material produces a sculpture of enormous visual power. In some ways, it is as if the artist projected right here, right now the infinite possibilities of crossovers that exist in virtual space, embodying them and inviting us to participate in them. However, if the laws of physics and geometry are capable of securing and stabilizing the artwork, Ciclotrama 141 (épura) seems to point, in its movement of equivalences, to the unstable, impermanent, or constantly transforming and reorganizing aspect of things in the world. That is why the web that extends throughout the gallery resembles a living organism, as if the viewer, with each new visit, was able to contemplate another design, a new structure.

On the four canvasses that are part of the show (entitled Ciclotrama 137, Ciclotrama 138, Ciclotrama 139, Ciclotrama 140) and are displayed in a smaller area, the artist makes use again of industrial ropes, which are unwoven and fixed according to the same system of division, bifurcation and crossing of threads. However, here Janaina Landini chose to use as a surface plane a special fabric used in the manufacture of nautical boat sails.

On it are embroidered geographic coordinates inspired by old and current maps, before the artist attaches the webs of coloured thread. Again, real and virtual space are interwoven, creating a new design, because at the same time that the embroidery refers to the existing, the web tells us of an imaginary space that can also be real.

The room with the Ciclotramas is arranged so that the ropes in shades of blue and black are clustered in the centre, connecting all the works. This hodgepodge suggests the existence of a common, still chaotic energy core that tends to propagate, and which will become arranged in the overlapping webs of threads on the surface of the canvases. Poetically, it shows the inseparable relationship between the part and the whole, and the coexistence of interdependence and autonomy through a subtle correspondence of forces.

It is interesting to note that these canvasses also suggest openness to reorganization. From the theoretical point of view, geography works with relatively stable boundaries, or that take a long time to be redesigned. But in the contemporary world relations and flows respond to a special dynamic, accelerated by technology. We can imagine new geographical maps created daily by the reinstating of diverse connections, beyond the limitations of the physical space. It is evident that this freedom of movement is not always welcomed by everyone.

However, the desire for expansion, as the artist seems to remind, is part of the history of humanity, especially since the modern era. The desire for mobility redesigned the geographical map and gave us a new apprehension of the Earth through the Age of Exploration, a decisive factor for the formation of our worldview. Today we see another kind of expansion, perhaps less real, and more virtual. But that has the same power to redesign our imaginary. In any case, the plastic form of living organisms, which seems to inspire the artist, is present both in nature and in society. To understand the on-going rearrangements of our social and natural environment is a more than current challenge. And also to think about the fragility of its system of reciprocal compensations, which can be put in check by a more abrupt movement, generating an irremediable imbalance.

CICLOTRAMA (expansão)

700cm x 800 cm x 1600cm

4 Ciclotramas da série "Expansão" de tamanhos variados, cordas pretas e azuis.

4 Ciclotramas of "expansion" series with varied sizes, black and blue ropes.

4 Ciclotramas de la série "expansion" de tailles variées, cordes noir et bleu.

2019

Zipper Galeria, São Paulo, Brasil
Instalação site-specific para a exposição individual "Ciclotrama"
Curadoria Taisa Palhares

Zipper Galeria, São Paulo, Brazil
Site-Specific Installation for solo show "Ciclotrama"
Curated by Taisa Palhares

Zipper Galeria, São Paulo, Brazil
Installation in situ pour l'exposition personnelle "Ciclotrama"
Commissaire d'exposition: Taisa Palhares

Photo: Gui Gomes



Ici, maintenant.

texts Taisa Palhares

À l'occasion de sa récente exposition à la Zipper Galerie, l'artiste JML présente de nouveaux travaux issus de la série de « Ciclotramas » , exposant pour la première fois à São Paulo une monumentale sculpture in situ spécialement conçue pour la galerie principale. Comme pour ses œuvres précédentes, sa recherche s'oriente sur les intersections de plusieurs types de savoir et de sciences tels que l'architecture, la géométrie, l'anatomie, la physique, la cartographie ainsi que la sculpture et le dessin, créant ainsi sur la base d'un raisonnement d'apparence simple des structures rhizomatiques qui se chevauchent et s'expandent en se connectant et en faisant se croiser des lignes et des points d'après une distribution dynamique des forces.

Son travail questionne les possibilités de représentation au-delà d'un unique point de vue, superposant sur un caractère orthogonal de la toile et de l'architecture de nouvelles coordonnées spatiales qui résultent en une composition de formes organiques d'apparence fluide et malléable. Avec cela, l'artiste produit une entorse conceptuelle en utilisant la géométrie quand le réseau, principale figure de son travail est finalement créé d'une manière très calculée, à partir d'une connaissance scientifique établie de la projection et de la représentation tridimensionnelle aboutissant au final à un résultat non orthodoxe.

Pour Ciclotrama 141 (épura) JML a fabriqué pour la première fois sa propre corde, entremêlant 1440 fils de corde. A partir de là elle a été capable d'atteindre un poids record de 120kg qui a dû être distribué à partir

d'une procédure répétitive de divisions binaires et de bifurcations dans lesquelles finalement la corde devient de plus en plus fine, presque invisible, au travers de multiples divisions, générant un total de 2880 points qui ont été fixés sur le mur, ayant pour rôle de supporter tout ce poids réparti de façon équilibrée. Ces points simplement attachés à l'aide de scotch de peintre divisent le volume proportionnellement, créant une structure dont la stabilité dépend du calcul exact de la compensation de sa force.

Il en résulte une composition spatiale extrêmement délicate dans laquelle la simplicité (et même pourrait-on dire, la précarité) du matériau produit une sculpture d'un pouvoir visuel immense. D'une certaine manière, c'est comme si l'artiste projetait ici même, en un instant précis d'infinies possibilités de mélanges différents de styles qui existent dans un espace virtuel, les incarnant et nous invitant à y prendre part.

Cependant, si les lois de la physique et de la géométrie sont capables de sécuriser et de stabiliser l'œuvre d'art, Ciclotrama 141 (épura) semble s'orienter dans ses mouvements d'équivalence vers l'aspect instable, impermanent et en continuelle transformation et réorganisation des choses de ce monde. C'est pourquoi le réseau qui s'étend à travers la galerie ressemble à un organisme vivant, comme si le spectateur, à chaque nouvelle visite, était capable de contempler une nouvelle forme, une structure nouvelle.

Sur les quatre toiles qui font également partie de l'exposition (Ciclotrama 137/138/139/140) et qui sont exposés dans une autre salle plus petite, l'artiste utilise une nouvelle fois des cordages industriels qui sont détissés et fixés d'après le même système de divisions, de bifurcations et de croisements de fils.

Cependant ici, JML a choisi d'utiliser comme surface plane un tissu spécial utilisé dans l'industrie nautique. Sur celui-ci sont brodées des coordonnées géographiques inspirées de cartes maritimes anciennes et actuelles, avant que l'artiste n'y attache des réseaux de fils colorés. Ici encore, espace réel et virtuel s'entrelacent, créant une nouvelle forme car en même temps que la broderie réfère au réel, le réseau nous parle d'un espace imaginaire qui

peut également être réel.pt movement, generating an irremediable imbalance.

La pièce avec les Ciclotrama est organisée de telle sorte que les cordages dans des dégradés de tons bleus et noirs sont regroupés au centre, connectant ainsi toutes les œuvres. Cet amoncellement de cordages suggère l'existence d'une énergie commune mais aussi chaotique qui tend à se propager et qui finalement s'ordonne dans les réseaux des fils se chevauchant sur la surface des toiles. Poétiquement cela montre la relation inséparable entre la part et le tout, et la coexistence de l'interdépendance et de l'autonomie à travers une subtile correspondance de forces. Il est intéressant de noter que ces toiles suggèrent également une ouverture à une réorganisation. D'un point de vue théorique la géographie a posé des frontières relativement stables qui ont pris un certain temps à être redessinées. Mais dans le monde contemporain les relations et les flux répondent à une dynamique spéciale accélérée par la technologie. Nous pouvons imaginer de nouvelles cartes géographiques créées quotidiennement par la réinstauration de diverses connections, au-delà des limitations de l'espace physique. Il est évident que cette liberté de mouvements n'est pas toujours bienvenue pour tout le monde.

Cependant, le désir d'expansion, comme l'artiste semble se souvenir est un aspect de l'histoire de l'humanité, et plus particulièrement depuis l'ère moderne. Le désir de mobilité a redéfini la carte géographique et nous a donné une nouvelle appréhension de la Terre à travers l'âge de l'exploration, un facteur décisif dans notre manière de concevoir notre propre vision du monde.

Aujourd'hui nous observons une nouvelle forme d'expansion peut être moins réelle, et plus virtuelle. Mais cela a le même pouvoir de redessiner notre imaginaire. Dans chaque cas la forme plastique d'organismes vivants, qui semble inspirer l'artiste est présente à la fois dans la nature et dans la société.

Comprendre les transformations actuelles que subit notre environnement social et naturel est un défi. Et aussi réfléchir à la fragilité de son système de compensations réciproques qui à terme pourrait être renversé par un mouvement plus brutal, générant un déséquilibre irrémédiable.



CICLOTRAMA 142 (matupá)

700cm x 800 cm x 1600cm

6 Ciclotramas flutuante de 240cmx115cmx275cm e 1 Ciclotrama flutuante de 500cmx275cmx310cm com fios de barbante de algodão cru sobre linho (40% viscose, 40% polyester, 20% linho), argolas de metal e espelhos de acrílico.

6 floating Ciclotramas of 240cmx115cmx275cm and 1 floating Ciclotrama of 500cmx275cmx310cm with raw cotton threads on linen (40% viscose, 40% polyester, 20% linen), metal rings and acrylic mirrors.

6 Ciclotramas flottants de 240x115x275cm et un Ciclotrama flottant de 500x275x310cm en fils de coton brut sur lin (40% viscose, 40% polyester, 20% lin), anneaux en métal et miroirs acrylique

2019

Domaine de Chaumont-Sur-Loire, França
Comissão especial para a Temporada de Arte e Natureza de 2019
Curadoria Chantal Colleu-Dumond

Domaine de Chaumont-Sur-Loire, France
Special Commission for 2019 Art and Nature season
Curated by Chantal Colleu-Dumond

Domaine de Chaumont-sur-Loire, France
Commission spéciale pour la saison artistique 2019
Commissaire d'exposition: Chantal Colleu-Dumond

Photo: Janaina Mello Landini











CICLOTRAMA 50 (wind)

550cm x 140 cm x 1200cm

20m de corda de Nylon diâmetro 24mm e 4.100 pregos dourados

20m of 24mm diameter nylon rope and 4.100 golden nails

20m de corde en nylon 24mm de diamètre et 4.100 clou dorés

2018

Fondation Carmignac, Porquerolles, França
Instalação Site-Specific para exposição coletiva
"Sea Of Desire"
Curadoria Dieter Buchhart

Fondation Carmignac, Porquerolles, France
Site-Specific Installation for group show
"Sea Of Desire"
Curated by Dieter Buchhart

Fondation Carmignac, Porquerolles, France
Installation in situ pour l'exposition collective
"Sea Of Desire"
Commissaire d'exposition: Dieter Buchhart

Photo: Janaina Mello Landini







CICLOTRAMA 112 (link)

1300cm x 800cm x 1200cm

40m de corda de Nylon diâmetro 34mm e
10.000 pregos

40m of 34mm diameter nylon rope and 10.000
nails

40m de corde en nylon 34mm de diamètre
et 10.000 clou

2019

Facebook Art Program| Menlo Park | USA
Instalação Site-Specific para exposição coletiva
permanente
Curadoria Jessica Shaefer

Facebook Art Program| Menlo Park | USA
Site-Specific Installation for permanent group
show
Curated by Jessica Shaefer

Facebook Art Program| Menlo Park | USA
Installation in situ pour l'exposition collective
"Sea Of Desire"
Commissaire d'exposition: Jessica Shaefer

Photo: Mariah Tiffany













CICLOTRAMA 36 (Labyrinthe)

5 m x 14 m x 6 m

220 m de corda de nylon preta, diâmetro 38mm e 14 .000 pregos

220 m of nylon rope 38mm diameter and 14.000 nails

220 m de corde en nylon 38mm de diamètre et 14.000 clous

2016

Palais de Tokyo, Paris, França
Instalação Site Specific para exposição coletiva “Double Je”
Curadoria Jean de Loisy

Palais de Tokyo, Paris, France
Site-Specific Installation for group show “Double Je”
Curated by Jean de Loisy

Palais de Tokyo, Paris, France
Installation in situ pour l'exposition collective “Double Je”
Commissaire d'exposition: Jean de Loisy

Ciclotrama compartilha a sala com *Golden Snake* de Mathias Kiss

Ciclotrama share the space with the *Golden Snake* by Mathias Kiss

Ciclotrama partage l'espace avec *Golden Snake* de Mathias Kiss

Photo: Aurélien Mole



“Agora, o espaço não é apenas onde as coisas acontecem, coisas fazem o espaço acontecer.”*

*(O'DOHERTY, Brian (1999)
Inside the white cube. (p.39)
(tradução livre)

“Space now is not just where things happen; things make space happen.”*

*(O'DOHERTY, Brian (1999)
Inside the white cube. (p.39)
(original)

“L'espace maintenant n'est pas seulement l'endroit où les choses ont lieu ; les choses font que l'espace à lieu.”*

*(O'DOHERTY, Brian (1999)
Inside the white cube. (p.39)
(tradução livre)

“Os três tempos

... Muda sua natureza e acrescenta suas conexões: nela, não há posições, só linhas.^[1]

No seu fazer artístico Janaina Mello Landini reconfigura as concepções da estrutura do tempo, no jogo das articulações do espaço. Cada um de seus trabalhos abrange três aspectos temporais que não podem ser esquecidos, e que, juntos, nos colocam ante um questionamento contínuo de estruturas aprendidas.

O tempo empírico, em primeiro lugar. Existe uma consciência do tempo como vivência. A fonte para as representações é a contemplação, a ação empírica do olho da artista sobre a paisagem onde vive.

(...)

O tempo abstrato. A formação como arquiteta faz com que Janaina planeje cada uma de suas instalações e peças como um projeto. Uma abstração que através de cálculos estruturais e matemáticos, formalizam as concepções surgidas na observação.

(...)

E, por último, o tempo histórico. Não o tempo da grande história, mas sim aquele que decorre na duração do trabalho manual, do tecimento da trama e da urdidura, aquele que provém da tradição das mulheres costureiras que lhe ensinaram a bordar. Seria aquele tempo dos pontos de vista que se contrapõem à perspectiva histórica, comoalaria Maria Thereza Alves ^[2] ; ou que descreve Elizabeth Grosz, nas nomeadas arquiteturas do feminino, que baseadas no excesso, poderiam desestabilizar as noções patriarcais de espaço e tempo ^[3] . É esse mesmo tempo que relaciona o trabalho de Janaina com mulheres artistas que já antes teceram alternativas na sua produção artística: Annie Albers, Louise Bourgeois, Teresa Lanceta, Gego, Claire Zeisler, Etel Adnam ou Sheila Hicks. Nelas se reclama um olhar outro, fora do pensamento hegemônico para a aprendizagem do mundo.

*RAMOS-YZQUIERDO, Marta [2016]

Sintropic Maze / Janaina Mello Landini - Zipper Galeria São Paulo, Brasil

[1] Mónica Amor sobre a obra relação da obra de Gego e Gilles Deleuze e Félix Guattari, Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. "Another Geometry: Gego's reticulárea, 1969- 1982." October Magazine USA, Summer 2005.

[2] Maria Thereza Alves, Canibalismo no Brasil desde 1500, Periódico Permanente, n.4, 2013. <http://www.forumpermanente.org/revista/numero-4/textos/canibalismo-no-brasil-desde-1500>

[3] Elizabeth Grosz, Architecture from the Outside, The MIT Press Cambridge, 2001.



“The Three times

... It changes its nature and adds its connections: In it there are no positions, only lines.. ^[1]

Janaina Mello Landini reconfigures in her art the conceptions of time frame in the game set of space. Each of her works carries three temporal aspects that cannot be forgotten, and which, together, put forth a continuous questioning of seized structures.

The empirical time, first and foremost. There is an awareness of time as experience. The source for representations is contemplation, the empirical action of the artist's eye on the landscape inhabited.

(...)

Abstract time. Janaina's architecture academic background leads her to plan each of her installations and pieces as a project. An abstraction which, through structural and mathematical calculations, formalizes the ideas risen in observation.

(...)

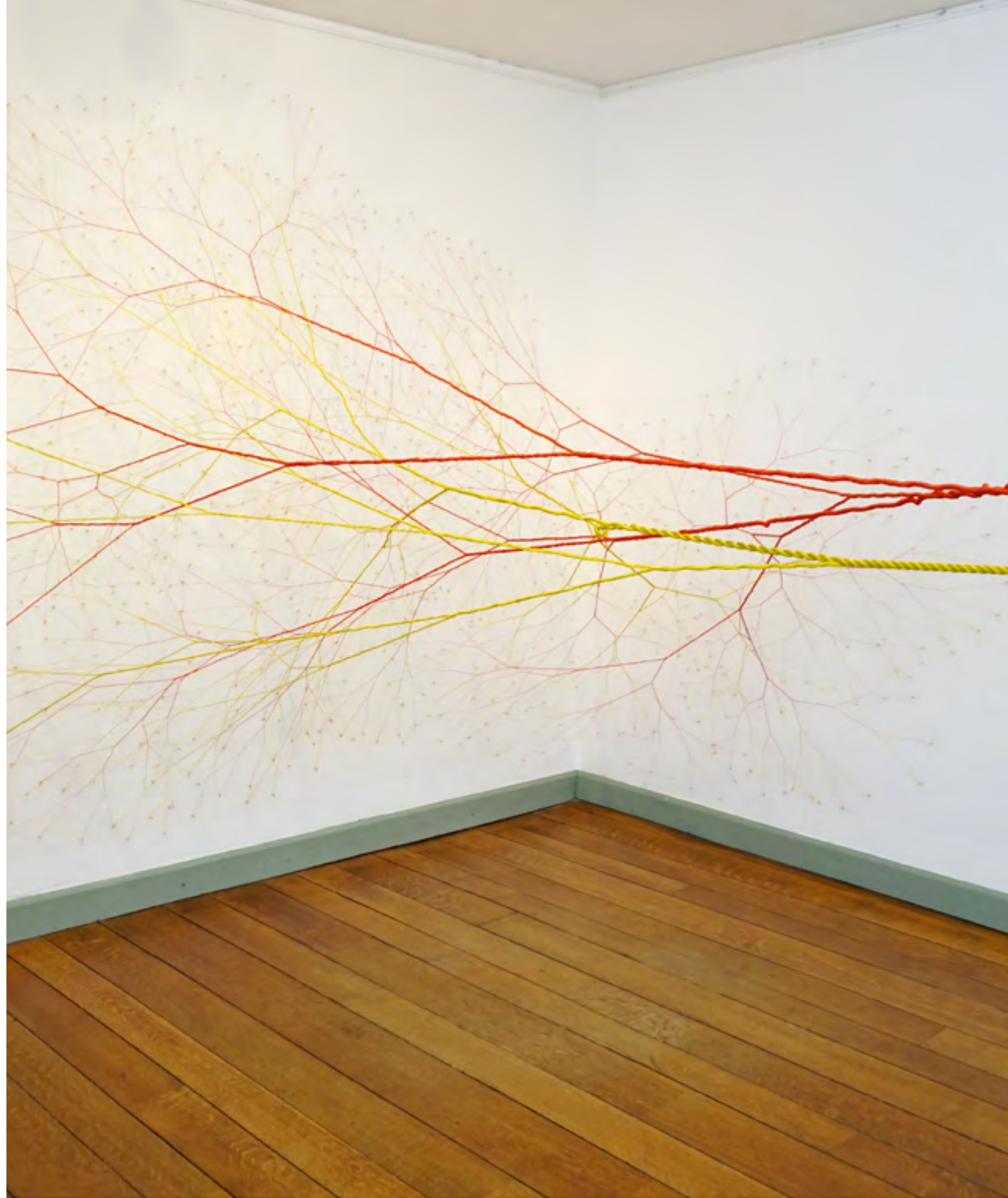
And lastly, the historical time. Not the time of the grand history, but the one running during the manual work, the weaving of the warp and woof, the one originated from the tradition of seamstresses who taught her to embroider. Small gestures thousands of times repeated. It would be the time of opposing points of views to the historical perspective, as would put Maria Thereza Alves ^[2] ; or the time described by Elizabeth Grosz in the named female architectures which, based on excess, could destabilize the patriarchal notions of space and time ^[3]. It is this same time that relates Janaina's work to other women artists who have previously woven alternatives in their artistic production: Annie Albers, Louise Bourgeois, Teresa Lanceta, Gego, Claire Zeisler, Etel Adnan and Sheila Hicks. They all plead for another perspective for learning the world, outside of the hegemonic thinking.”*

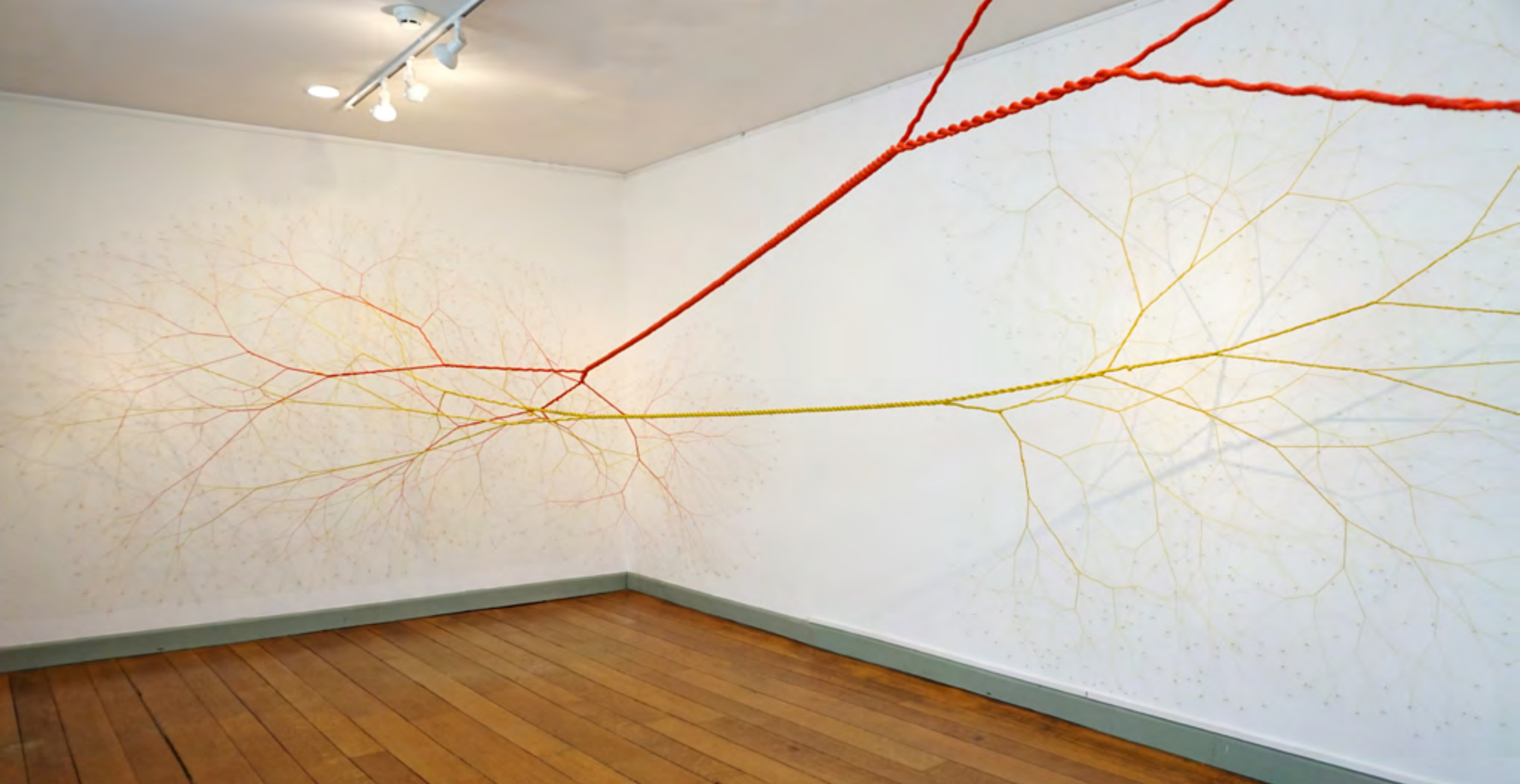
*RAMOS-YZQUIERDO, Marta [2016]
Sintropic Maze / Janaina Mello Landini - Zipper Galeria São Paulo, Brazil

[1] Mónica Amor sobre a obra relação da obra de Gego e Gilles Deleuze e Félix Guattari, Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. “Another Geometry: Gego's reticulárea, 1969- 1982.” October Magazine USA, Summer 2005.

[2] Maria Thereza Alves, Canibalismo no Brasil desde 1500, Periódico Permanente, n.4, 2013. <http://www.forumpermanente.org/revista/numero-4/textos/canibalismo-no-brasil-desde-1500>

[3] Elizabeth Grosz, Architecture from the Outside, The MIT Press Cambridge, 2001.





CICLOTRAMA 82 (intersection)

276cm x 400 cm x 660cm

Duas cordas de nylon, diâmetro 18mm, uma na cor amarela e outra na cor vermelha e 3.200 pregos dourados.

Two 18mm diameter nylon ropes, one yellow and one red and 3.200 golden nails

Deux cordes en nylon 18mm de diamètre, une jaune et une rouge et 3 200 clous dorés

2017

Rijswijk Museum, Holanda

Instalação site-specific para a exposição coletiva "Rijswijk Textile Biennial"
Curadoria Anne Kloosterboer

Rijswijk Museum, Netherlands

Site-Specific Installation for group show "Rijswijk Textile Biennial"
Curated by Anne Kloosterboer

Rijswijk Museum, Netherlands

Installation in situ pour l'exposition collective "Rijswijk Textile Biennial"
Commissaire d'exposition: Anne Kloosterboer

Photo: Janaina Mello Landini

“Les trois fois

... Il change de nature et ajoute ses liens : Il n’y a pas de positions, seulement des lignes... ⁽¹⁾

Janaina Mello Landini reconfigure dans son art les conceptions du temps dans le jeu de l’espace. Chacune de ses œuvres porte trois aspects temporels qui ne peuvent être oubliés, et qui, ensemble, mettent en avant une remise en question continue des structures saisies.

Le temps empirique, d’abord et avant tout. Il y a une conscience du temps comme expérience. La source des représentations est la contemplation, l’action empirique du regard de l’artiste sur le paysage habité.

(...)

Temps abstrait. La formation académique en architecture de Janaina l’amène à planifier chacune de ses installations et pièces comme un projet. Une abstraction qui, par des calculs structuraux et mathématiques, formalise les idées issues de l’observation.

(...)

Et enfin, l’époque historique. Pas l’époque de la grande histoire, mais celle du tissage de la chaîne et de la trame, celle de la tradition des couturières qui lui ont appris à broder, celle du travail manuel. De petits gestes des milliers de fois répétés. Ce serait le temps des points de vue opposés à la perspective historique, comme le ferait Maria Thereza Alves ⁽²⁾; ou le temps décrit par Elizabeth Grosz dans les architectures féminines nommées qui, basé sur l’excès, pourrait déstabiliser les notions patriarcales d’espace et de temps ⁽³⁾. C’est cette même époque qui relie le travail de Janaina à d’autres femmes artistes qui ont déjà tissé des alternatives dans leur production artistique : Annie Albers, Louise Bourgeois, Teresa Lanceta, Gego, Claire Zeisler, Etel Adnan et Sheila Hicks. Elles plaident toutes pour une autre perspective d’apprentissage du monde, en dehors de la pensée hégémonique.”*

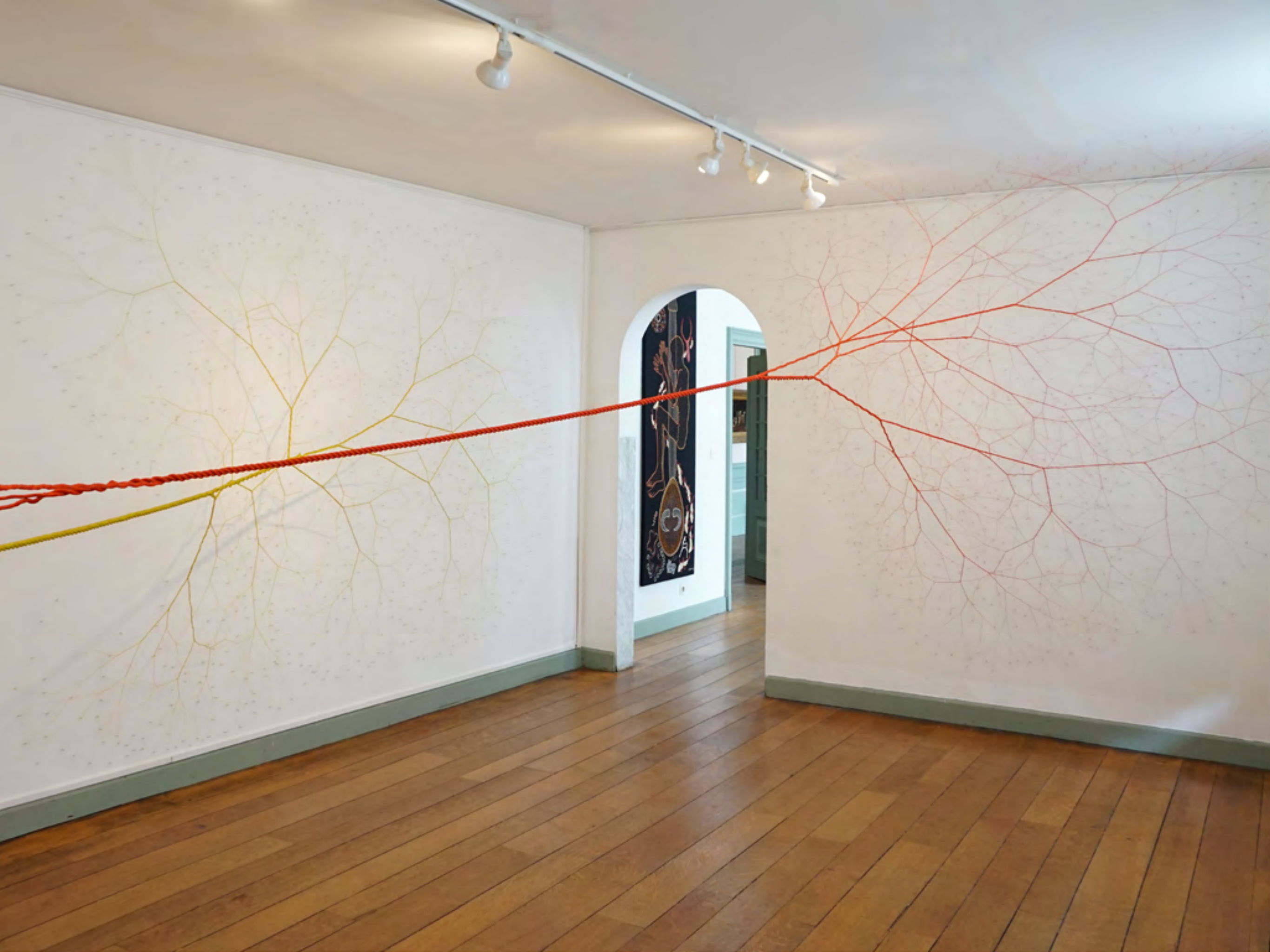
*RAMOS-YZQUIERDO, Marta (2016)
Sintropic Maze / Janaina Mello Landini - Zipper Galeria São Paulo, Brésil

(1) Mônica Amor sobre a obra relação da obra de Gego e Gilles Deleuze e Félix Guattari, Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. “Another Geometry: Gego’s reticulárea, 1969- 1982.” October Magazine USA, Summer 2005.

(2) Maria Thereza Alves, Canibalismo no Brasil desde 1500, Periódico Permanente, n.4, 2013.
<http://www.forumpermanente.org/revista/numero-4/textos/canibalismo-no-brasil-desde-1500>

(3) Elizabeth Grosz, Architecture from the Outside, The MIT Press Cambridge, 2001.





“Como site-specific, a instalação do Ciclotrama é adaptável a qualquer espaço designado, portanto único; mas também efêmero em sua natureza irrepetível, uma Ciclotrama nunca idêntica ao outra.”*

“As site-specific, the Ciclotrama installation is adaptable to any designated space, hence unique; but also ephemeral in its unrepeatable nature, one Ciclotrama never identical to another.”*

“En tant qu’in situ, l’installation du Ciclotrama s’adapte à tout espace désigné, donc unique, mais est aussi éphémère dans sa nature unique, un Ciclotrama n’étant jamais identique à un autre.”*

*Carbone, Efsio (2017)
Ciclotrama, a thoughtful story of Time and Space - Galleria Macca

CICLOTRAMA 27 (Bleu)

5 m x 2.5 m x 3.2 m

30 m de corda de nylon azul, diâmetro 32mm e 2.484 nails

30 m of blue nylon rope 32mm diameter and 2.484 nails

30 m de corde en nylon bleue 32mm de diamètre et 2484 clous

2015

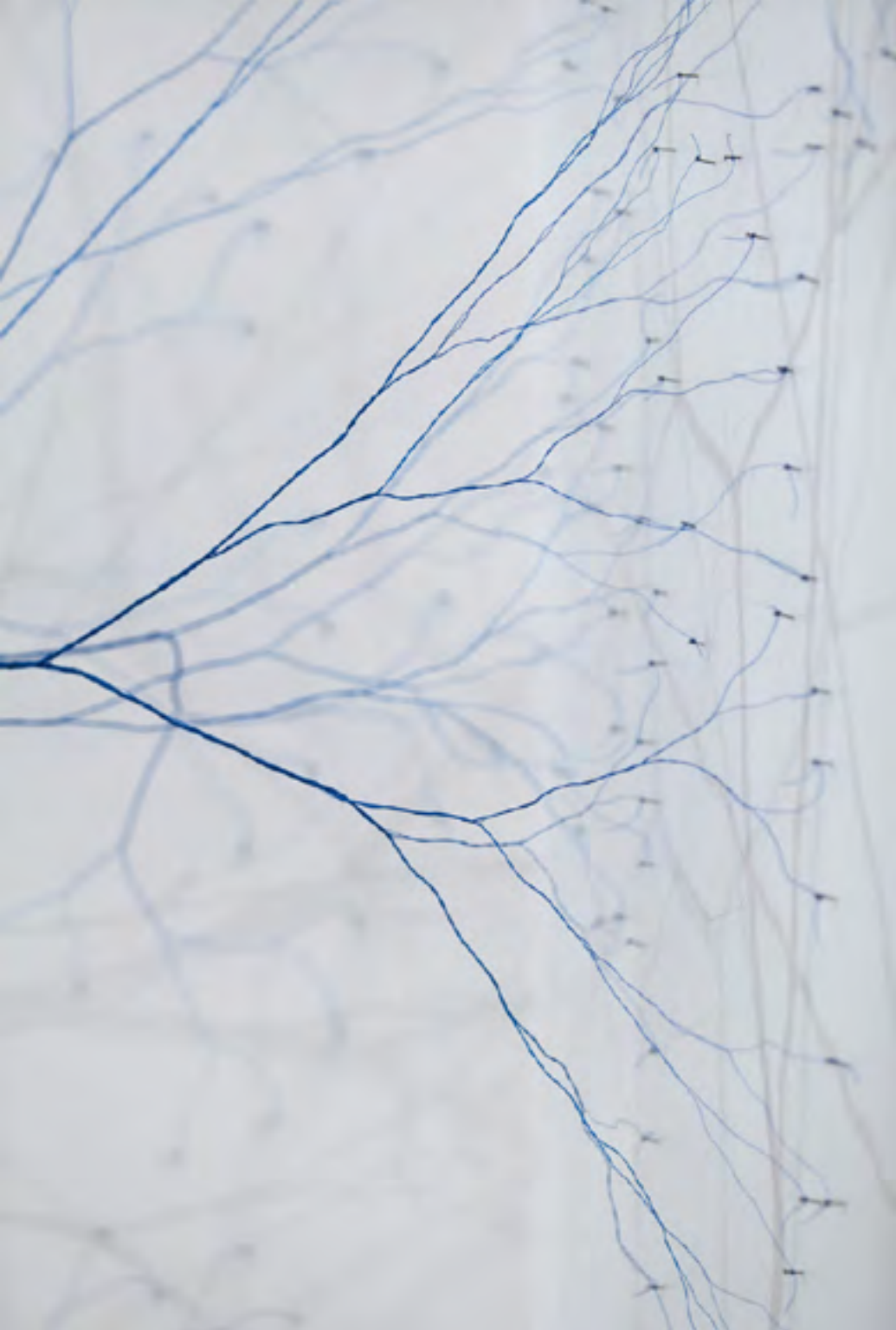
Galerie Virginie Louvet, Paris, France
Instalação site-specific para a exposição individual
“Ciclotramas”

Galerie Virginie Louvet, Paris, France
Site-Specific Installation for solo show “Ciclotramas”

Galerie Virginie Louvet, Paris, France
Installation in situ pour l’exposition personnelle “Ciclotramas”

Photo: Emilie Mathé Nicolas





“Talvez o Tempo, como escreveu José Saramago, não seja como uma corda que pode ser medida nó por nó; Tempo é uma superfície oblíqua e ondulada onde apenas a memória pode chamar pra perto. memory can call forth and approach.

Mas em seu trabalho, Janaina conseguiu descrever melhor a relação entre Tempo e Espaço do que uma equação matemática, incluindo a variável emocional que afrouxa o cálculo frio e o transforma em poesia.”**

*Carbone, Efisio (2017) Ciclotrama, a thoughtful story of Time and Space.

“Perhaps Time, as José Saramago wrote, is not a rope that can be measured knot by knot; Time is an oblique and undulating surface which only memory can call forth and approach.

But in her work Janaina managed to describe the relationship between Time and Space better than a math equation, including the emotional variable that loosens the cold calculation and transforms it into poetry.”*

*Carbone, Efisio (2017) Ciclotrama, a thoughtful story of Time and Space.

“Le temps, comme l’a écrit José Saramago, n’est peut-être pas une corde que l’on peut mesurer nœud par nœud ; le temps est une surface oblique et ondulante que seule la mémoire peut faire surgir et approcher.

Mais dans son travail, Janaina est parvenue à décrire la relation entre le Temps et l’Espace mieux qu’une équation mathématique, y compris la variable émotionnelle qui détache le calcul froid et le transforme en poésie.”*

*Carbone, Efisio (2017) Ciclotrama, a thoughtful story of Time and Space.



CICLOTRAMA 28 (Medusa)

3.75 m x 11.5 m x 2.5m

60 m de corda de cânhamo, diâmetro 24mm e 225 pregos

60 m of hemp rope 24mm diameter and 225 nails

60 m de corde en chanvre 24mm de diamètre et 225 clouss

2015

Galleria Macca, Cagliari, Italy
Instalação site-specific para a exposição individual "Ciclotrama"

Galleria Macca, Cagliari, Italy
Site-Specific Installation for solo show "Ciclotrama"

Galleria Macca, Cagliari, Italy
Installation in situ pour l'exposition personnelle "Ciclotrama"

Photo: Stefano Oliveira



“Pegue uma corda e comece a desenrola-la. Desdobrando e desfazendo suas partes, muitas vezes, subdividindo os grupos fios em unidades cada vez menores e assim por diante. Continue a libertar esses impressionantes milhares de fios da sua trama original. Remova-os do seu peso e massa. E ao fim, o que temos? Um fio: uma indivisível unidade.

É através dessa desconstrução que a artista brasileira Janaina Mello Landini procura uma forma conectar os fios de nylon, dipado ou algodão das cordas que ela desfaz para enfim refaze-las. Desde 2010, esta lógica tem sido o coração da sua série entijucada Ciclotrama. Uma palavra que ela inventou e que pode ser definida como: uma trama construída a partir de uma sucessão de ciclos contínuos que poderiam tender a infinito. A evolução do seu trabalho atesta a complexidade da técnica em perpétua renovação, colocando de lado a aparente facilidade do processo.

As cordas que ela usam não só tramam em espaços arquitetônicos como também em telas de linho. Para essa arquiteta, entender o espaço é matéria condicional e guia a realização do seu trabalho em etapas. Os desenhos preliminares definem a lógica da estruturação e da forma da corda mas não definem o exato lugar de cada fio, deixando espaço para improvisos e surpresas durante a construção da Ciclotrama.

Seja no espaço tridimensional da arquitetura ou no plano da tela, o trabalho de Janaina Mello Landini expressa a mesma tensão: a fusão do espaço e do tempo. Explicita referencia aos seus estudos em matemática e física. Tanto o suporte da tela ou o espaço é o receptáculo de uma sobreposição de camadas de fios trançados, ou como ela gosta de dizer, ciclotramados, criando um aspecto de espelho ao seu próprio sistema, como um fractal. Esta entrelaçamento de torções constroem um percurso que tem como resultado um arranjo de unidades de força.

A leitura desta trajetória recompõe a estrutura hierárquica desse perfeito equilíbrio considerando a interação de cada um dos fios. A artista não procura obter nenhuma forma específica deste agregamento de fios. O desenho final é livre à nossa própria percepção, interpretação e busca de significado. Formas naturais, árvores, órgãos humanos ... a visão da organização desses fios é transcendida por uma única e mesma dinâmica: a interconexão do movimento dos fluidos. E é precisamente estes fluidos orgânicos e naturais que refletem a base do trabalho de trabalho de Janaina Mello Landini. Neste combate corpo-a-corpo com o fio, ela modela seu movimento para clarificar que a transmissão de fluxos é similar a qualquer sistema. Como um palíndromo, seu trabalho oscila entre 2 ideias, uma entrópica relacionada a de desintegração do sistema, e uma entrópica, convergindo diferentes fatores ao equilíbrio, isso reflete a organização universal do mundo.

Do centro para a periferia, do mínimo ao máximo, esta é a interdependência entre o indivíduo e o coletivo que Janaina Mello Landini articula em seu trabalho.?



“Take a rope and start weaving it. De-dividing and unbundling its components, over and over again, until you succeed in subdividing its unit into units. Continue by freeing these thousands of imprisoned yarns from their twists. Remove it from its weight and mass. In the end, what do you have left? A thread: an indivisible unit.

It is through this deconstruction that Brazilian artist Janaina Mello Landini is looking for a way to connect the threads of the nylon, dipado or cotton strings she unweaves to finally weaves it again. Since 2010, this logic has been at the heart of his Ciclotrama series. A word she invented and which could be defined as follows: a succession of cycles (ciclo), wefts (trama) of threads unfolding in a continuous circle. The evolution of his work attests to the complexity of a technique in perpetual renewal, putting aside the apparent ease of this process.

The strings she uses do not just weave in space but on a canvas. For this architect by training, an understanding of space is a material condition that guides the realisation of her work in stages. A preliminary design defines the logic of the structure and shape of the rope but do not define the exact location of each thread, leaving room for improvisations and surprises during the construction of the Ciclotrama.

Whether it is a three-dimensional architectural space or a canvas surface, Janaina Mello Landini's work expresses the same tension: the fusion of space and time. Explicit reference to her studies in mathematics and physics. The support of the canvas is therefore the receptacle of an overlay of thread levels whose general aspect creates a mirror effect of its own system. This intertwining of torsions creates a path which is the result of a structure of complementary force units.

The reading of this trace recomposes the hierarchical framework of this perfect balance that allows the interaction between each thread. From this aggregate of threads no form is really sought by the artist. The final performance gives free rein to our own interpretation. Our perception is thus free from any search for meaning. Natural forms, trees, human organs... the vision of the organisation of these threads is transcended by a single and same dynamic: the interconnection of the movement of fluids. And it is precisely these organic and natural fluids that form the reflexive foundation of Janaina Mello Landini's work. In this hand-to-hand combat with the thread, she models her movement to realize that the transmission of flows is similar to any system. Like a palindrome, her work oscillates between two entities, one entropic - deterioration of a system - and the other syntropic- converging action of different factors to the equilibrium; it reflects the universal organisation of the world, which according to the artist results from their relationship.

From the centre to the periphery, from the minimum to the maximum, it is finally the interdependence between the individual and the collective that Janaina Mello Landini brings together in her works.”

*Der Markarian, Diane (2018) Janaina Mello Landini, Aglomeração.

“Prenez une corde et commencez à la détisser. Détissez et déliez ses composants, encore et encore, jusqu'à réussir à subdiviser en unités son unité. Poursuivez en libérant de leur torsion ces milliers de fils emprisonnés qui la composent. Dégagez la de son poids et de sa masse. À la fin, que vous reste-t-il ? Un fil : une unité indivisible.

C'est par le biais de cette déconstruction que l'artiste brésilienne Janaina Mello Landini cherche le moyen de connecter les fils des cordes de nylon, de dipado ou de coton qu'elle découd. Depuis 2010, c'est cette logique qui est au cœur de sa série Ciclotrama. Un mot qu'elle a inventé et que l'on pourrait définir de la sorte : une succession de cycles (ciclo), de trames (trama) de fils se déployant en un cercle continu (Ciclotrama 121). L'évolution de son œuvre atteste de la complexité d'une technique en perpétuel renouvellement, mettant de côté l'apparente facilité de ce processus.

Les cordes qu'elle utilise ne se détissent pas dans l'espace mais sur une toile. Pour cette architecte de formation l'appréhension de l'espace est une condition matérielle qui guide par étapes la réalisation de son œuvre. Un avant-projet définit le moment de la performance qu'elle programme, mais n'exclut pas pour autant le hasard d'un potentiel accident, la rupture d'un fil.

Qu'il s'agisse d'un espace architectural en trois dimensions ou d'une toile de lin ou de voile de bateau en deux dimensions, le travail de Janaina Mello Landini exprime une même tension : la fusion de l'espace et du temps. L'artiste aime penser et anticiper ce que son geste peut faire advenir de nouveau ; tout doit découler d'une logique. Référence explicite à ses études en mathématiques et en physique. Le support de la toile se fait donc le réceptacle d'une superposition de niveaux de fils dont l'aspect général crée un effet de miroir de son propre système. Cet entremêlement de torsions crée un chemin le long de la surface, qui est le résultat d'une structure d'unités de forces complémentaires.

La lecture de cette trace recompose la trame hiérarchique de cet équilibre parfait que permet l'interaction entre chaque fil. De cet agrégat de fils aucune forme n'est réellement recherchée par l'artiste. La représentation finale laisse libre court à notre propre interprétation. Notre perception est ainsi dégagée de toute recherche de sens. Formes naturelles, arborescences, organes humains... la vision de l'organisation de ces fils est transcendée par une seule et même dynamique : l'interconnexion du mouvement des fluides (Ciclotrama 123). Et c'est justement ces fluides organiques et naturels qui forment le socle réflexif de l'œuvre de Janaina Mello Landini. Dans ce corps à corps avec le fil, elle modélise son mouvement afin de rendre compte que la transmission des flux est similaire à tout système. Tel un palindrome, son œuvre oscille entre deux entités, l'une entropique – détérioration d'un système – et l'autre syntropique – action convergente de différents facteurs ; elle rend compte de l'organisation universelle du monde, qui selon l'artiste résulte de leur relation.

Du centre à la périphérie, du minimum au maximum, c'est finalement l'interdépendance entre l'individu et le collectif que Janaina Mello Landini rapproche au sein de ses œuvres.”

*Der Markarian, Diane (2018) Janaina Mello Landini, Aglomeração.

ZipUp

Janaina Mello Landini

Ciclotrama 20 (onda)

Paulo Miyada
texto de apresentação

Mario Gioia
coordenação



CICLOTRAMA

É e não é um vórtice. Na prática não é, porque as linhas não existem para a corda, mas se expandem a partir dela, sucessivamente dividindo-se em progressão geométrica. Mas também é, como percepção, pois o olhar é tragado pela rede de fios. Quem quiser pode então perguntar: trata-se de experimentação pura sobre as propriedades e possibilidades esculturais de um material, a corda? Ou seria esta uma espécie de tratado empírico da natureza da percepção dos espaços? Ou uma metáfora de alguma narrativa implícita?

Respostas exclusivas parecem não saber bem no que do respeito à arte, mas fico com a impressão de que o exercício da artista reflete, em primeiro lugar, os efeitos desorientadores que decorrem da transição para a realidade concreta de algo que, como modelo matemático, é muito simples. A cada bifurcação a linha se duplica - 2, 4, 8, 16, ... - e ao mesmo tempo divide sua espessura pela metade - 1, 1/2, 1/4, ... No limite, haveria o zero, infinitas linhas de espessura zero. Mas zero é coisa de abstração matemática. Na prática, a teoria é outra. Ao invés de fazer referência ao mínimo, o que a ciclotrama emenda é um todo envolvente e sinuoso que toma o espaço e os sentidos de quem o observa.

Paulo Miyada



CICLOTRAMA 20 (wave)

2,7 m x 6 m x 4 m

20 m de corda de sisal, diâmetro 3" e 10.000 pregos

20 m of 3" sisal rope and 10.000 nails

20 m de corde en sisal 76mm de diamètre et 10.000 clous

2015

Zipper Galeria, São Paulo, Brasil
Instalação site-specific para a exposição individual "Ciclotrama"
Curadoria Paulo Miyada

Zipper Galeria, São Paulo, Brazil
Site-Specific Installation for solo show "Ciclotrama"
Curated by Paulo Miyada

Zipper Galeria, São Paulo, Brazil
Installation in situ pour l'exposition personnelle "Ciclotrama"
Commissaire d'exposition: Paulo Miyada

Photo: Gui Gomes



CICLOTRAMA 52 (intersection)

325cm x 500 cm x 450 cm

Duas cordas de Nylon, diâmetro 16mm, uma na cor preta e outra na cor azul e 2.600 pregos

Two 16mm diameter nylon ropes, one black and one blue and 2.600 nails

Deux cordes en nylon 16mm de diamètre, une noire et une bleu
2.600 clous

2016

Museu da República, Rio de Janeiro, Brasil
Instalação site-specific para a exposição individual
"Ocupa Coreto / Ciclotrama"
Curadoria Isabel Sanson Portella

Museu da Republica, Rio de Janeiro, Brazil
Site-Specific Installation for solo show
"Ocupa Coreto / Ciclotrama"
Curated by Isabel Sanson Portella

Museu da Republica, Rio de Janeiro, Brazil
Installation in situ pour l'exposition personnelle
"Ocupa Coreto / Ciclotrama"
Commissaire d'exposition: Isabel Sanson Portella

Photo: Mario Grisolli







CICLOTRAMA 3

5.8 m x 10 m x 20 m

50 km de barbantes de algodão e 2.100 pregos

50 km of cotton threads and 2.100 nails

50 km de fil de coton et 2.100 clous

2012

CentoeQuatro Space, Belo Horizonte, Brazil

Instalação site-specific para a exposição coletiva “@Nova Cultura Contemporanea”

Curadoria David Quiles Guilló

CentoeQuatro Space, Belo Horizonte, Brazil

Site-Specific Installation for group show “@Nova Cultura Contemporanea”

Curated by David Quiles Guilló

CentoeQuatro Space, Belo Horizonte, Brazil

Installation in situ pour l'exposition collective “@Nova Cultura Contemporanea”

Commissaire d'exposition: David Quiles Guilló

Photo by Eduardo Eduardo Eckenfels

Ciclotrama 130 (imprégnation)

284cm x 278cm x 200cm

8m de corda de dipado, diâmetro 40mm e 3.200 pregos dourados

8m of Dipado rope diameter 40mm and 3.200 golden nails

8m de corde Dipado 40mm de diamètre et 3.200 clous dorés

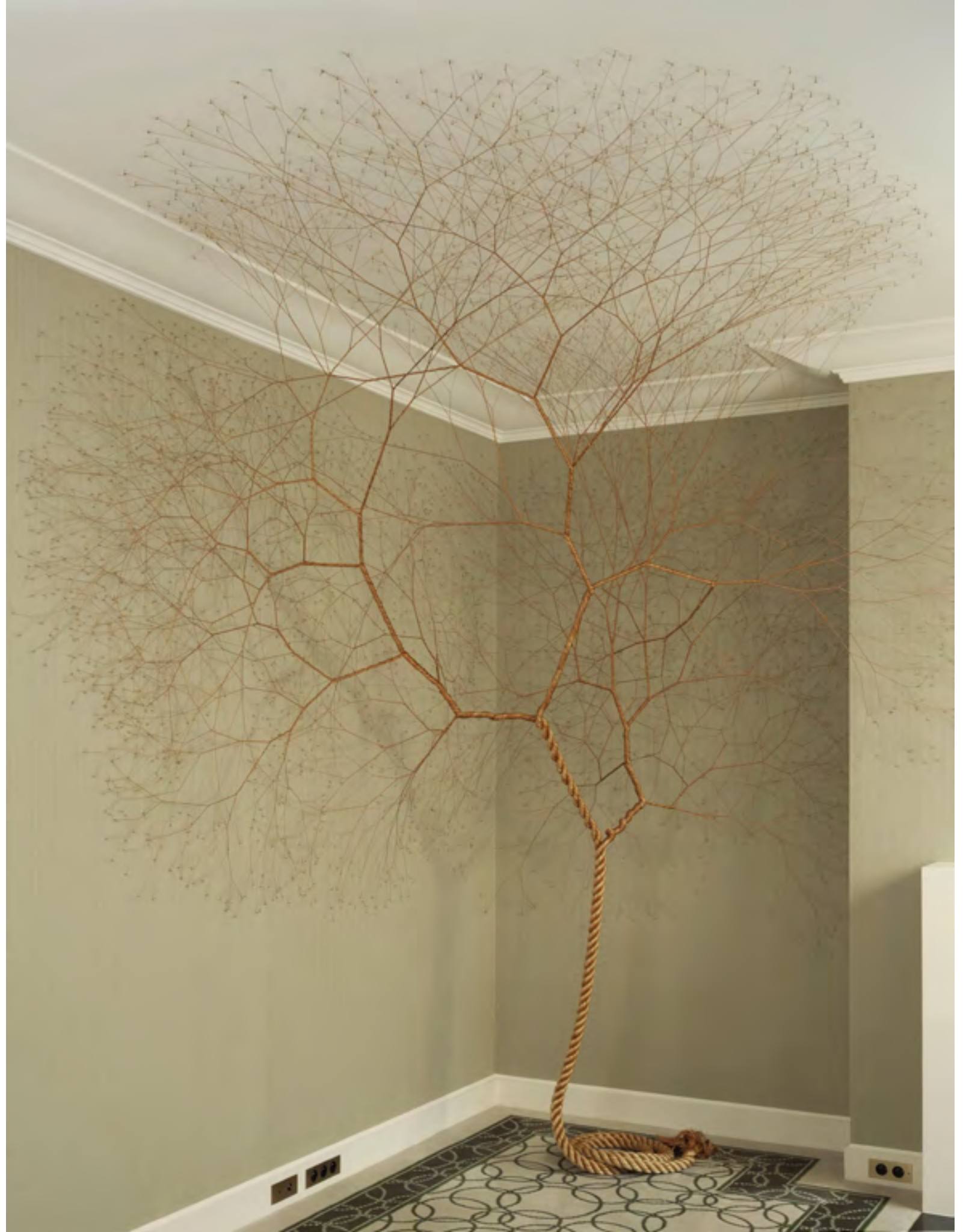
2018

Instalação Site-specific para a
Collection Corinne Ricard, Paris

Installation Site-specific
Collection Corinne Ricard, Paris

Installation in situ
Collection Corinne Ricard, Paris

Photo: Emilie Mathé Nicolas







Ciclotrama (flutuantes)

7m x 10m x 10m

6 Ciclotramas da série
“flutuantes” de tamanhos
variados, 4 postes metálicos e
fios.

6 Ciclotramas of “floating” series
with varied sizes, 4 metal posts
and threads.

6 Ciclotramas de la série
“flottante” de tailles variées, 4
pôles métaux et fils.

2018

Marina da Glória, Rio de Janeiro,
Brasil
Instalação Site-Specific para a
exposição coletiva “A arte delas”
Curadoria Marc Pottier

Marina da Glória, Rio de Janeiro,
Brazil
Site-Specific Installation
for group show “A arte delas”
Curated by Marc Pottier

Marina da Glória, Rio de Janeiro,
Brazil
Installation in situ pour
l'exposition collective “A arte
delas”
Commissaire d'exposition:
Marc Pottier

Photo: Janaina Mello Landini









Ciclotrama (flutuantes)

7m x 10m x 10m

6 Ciclotramas da série “flutuantes” de tamanhos variados, 4 postes metálicos e fios.

6 Ciclotramas of “floating” series with varied sizes, 4 metal posts and threads.

6 Ciclotramas de la série “flottante” de tailles variées, 4 pôles métaux et fils.

2018

Parque do Ibirapuera, São Paulo, Brasil
Instalação Site-Specific para a exposição coletiva “SP Arte Open Space”
Curadoria Cauê Alves

Ibirapuera Park, São Paulo, Brazil
Site-Specific Installation
for group show “SP Arte Open Space”
Curated by Cauê Alves

Parc d'Ibirapuera, Sao Paulo, Brazil
Installation in situ pour l'exposition collective “SP Arte Open Space”
Commissaire d'exposition:
Cauê Alves

Photo: Janaina Mello Landini



CICLOTRAMA 15

3,5 x 3 m x 3 m

5 km de barbantes de algodão sobre linho

5 km of cotton threads on linen fabric

5 km de fil de coton et toile de lin

2014

Coleção Sergio Carvalho, Brasil
Centro Cultural dos Correios, Brasília/São Paulo/Rio de Janeiro, Brasil
Instalação Site-Specific para a exposição coletiva "Vertice"
Curadoria Marília Panitz, Marisa Mokarzel e Polyanna Morgana

Sergio Carvalho Collection (Brazil)
Centro Cultural dos Correios, Brasília/São Paulo/Rio de Janeiro, Brazil
Site-Specific Installation for group show "Vertice"
Curated by Marília Panitz, Marisa Mokarzel e Polyanna Morgana

Collection Sergio Carvalho (Brazil)
Centro Cultural dos Correios, Brasília/São Paulo/Rio de Janeiro, Brazil
Installation in situ pour l'exposition collective "Vertice"
Commissaire d'exposition: Marília Panitz, Marisa Mokarzel et Polyanna Morgana



Photo: Janaina Mello Landini



CICLOTRAMA 115 (writing)

180 cm x 260 cm

4 cordas diâmetro 24mm, verde, vermelha, preta e azul, com 20 metros de comprimento cada, sobre tecido de vela de barco bordado.

4 ropes diameter 24mm, green, red, black and blue, with 20m long each, embroidered on sailcloth.

4 cordes de 20m chacune 24mm de diamètre, vert, rouge, noir et bleu, brodé sur voile de bateau.

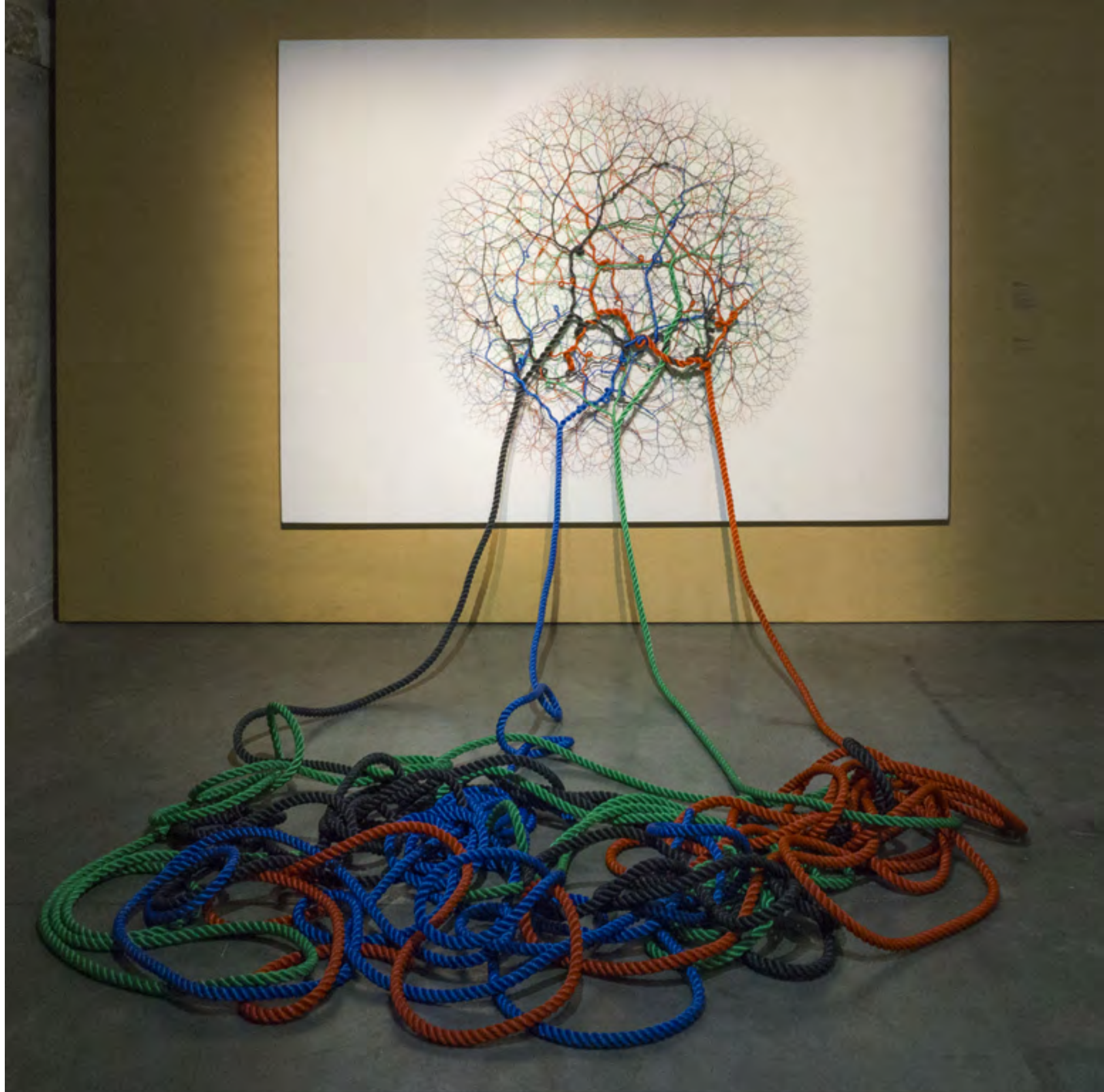
2018

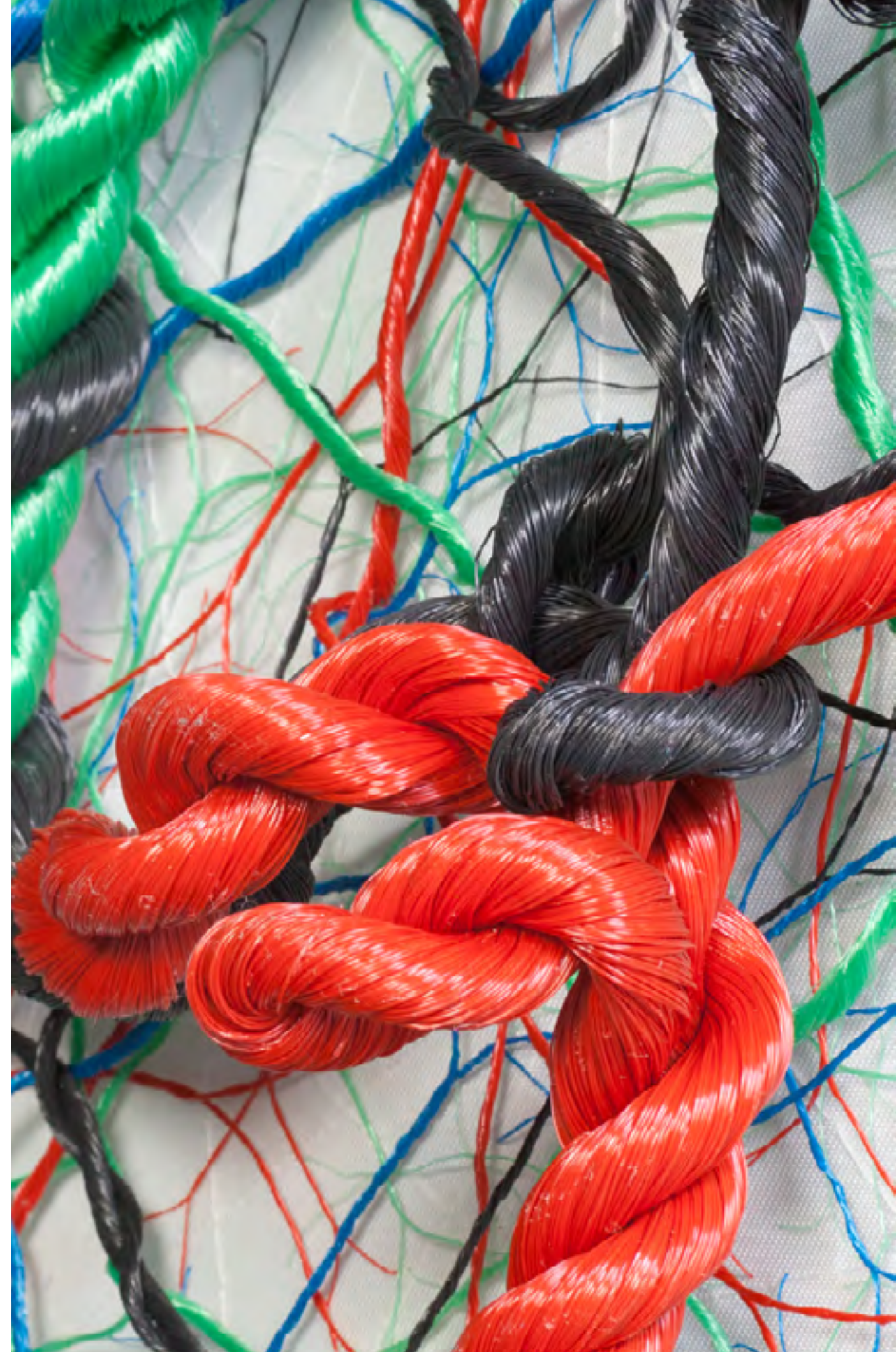
BIC Collection
CENTQUATRE, Paris, França
Instalação site-specific para a exposição coletiva "BIC Collection"
Curadoria Hervé Mikaeloff e Ingrid Pux.

BIC Collection
CENTQUATRE, Paris, France
Site-Specific Installation for group show "BIC Collection"
Curated by Hervé Mikaeloff and Ingrid Pux.

BIC Collection
CENTQUATRE, Paris, France
Installation in situ pour l'exposition collective "BIC Collection"
Commissaire d'exposition:
Hervé Mikaeloff et Ingrid Pux.

Photo by Janaina Mello





CICLOTRAMA 114 (vento)

200 cm x 200 cm

15m de corda azul diâmetro 24mm,
sobre tecido de vela de barco bordado e
gancho de amarração de barco em aço
inoxidável.

15 m of nylon rope 24mm diameter on
sailcloth embroidered and stainless steel
cleat.

15 m de corde en nylon 24mm de
diamètre brodée sur voile de bateau et
châssis en acier inoxydable.

2018

Photo by Gui Gomes





CICLOTRAMA 126 (aglomeração)

200 cm x 200 cm

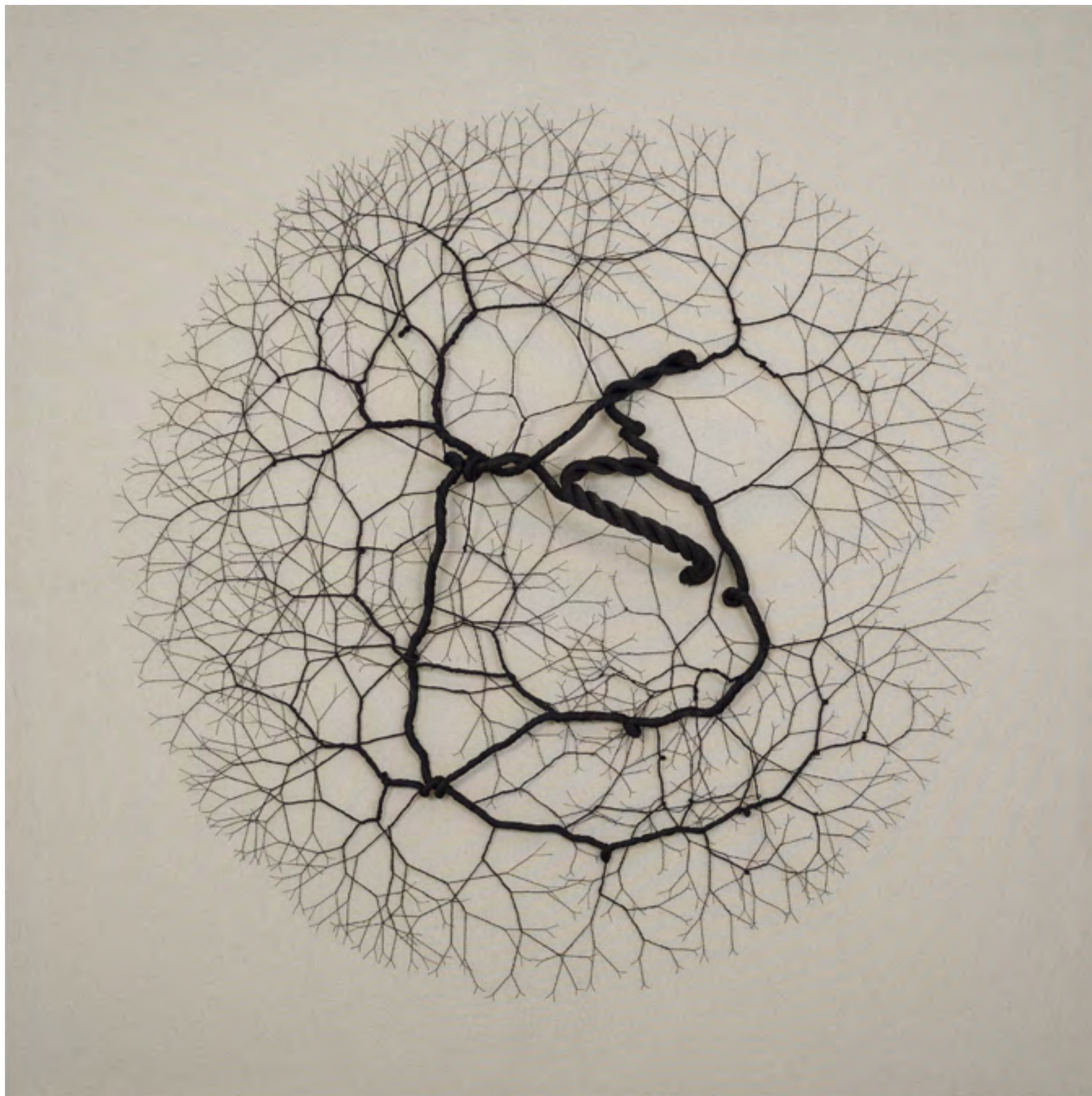
Corda em dipado preto, diâmetro 38mm sobre
linho rustico.

Black dipado rope 38mm diameter on raw linen

Corde en dipado noir 38mm de diamètre brodée
sur toile de lin brute

2018

Photo: Emilie Mathé Nicolas



CICLOTRAMA 95 (aglomeração)

200 cm x 200 cm

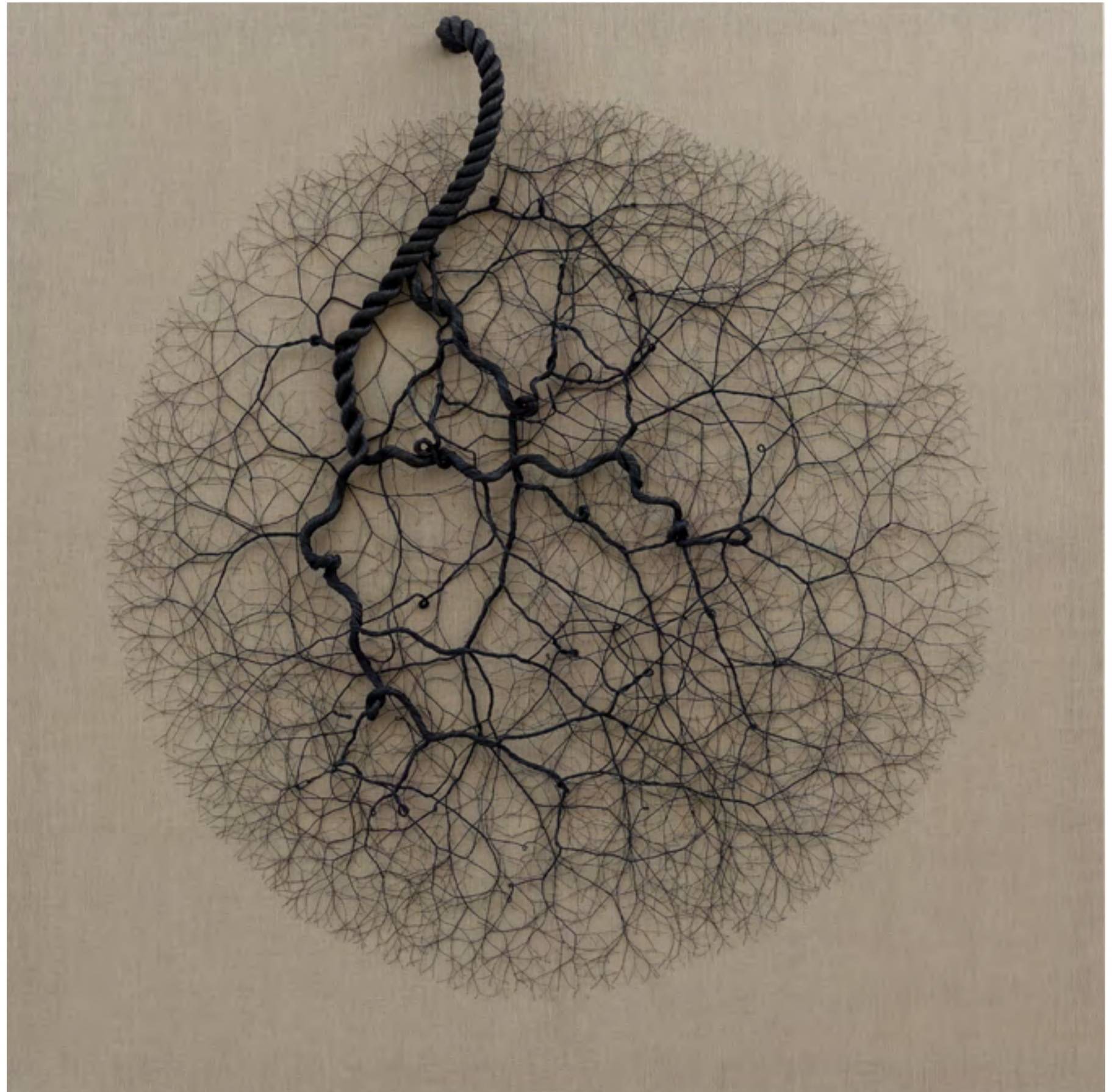
Corda preta em nylon, diâmetro 38mm sobre
linho rustico.

Black nylon rope 38mm diameter on raw linen

Corde en nylon noir 38mm de diamètre brodée
sur toile de lin brute

2017

Photo: Gui Gomes



CICLOTRAMA 80 (aglomeração)

200 cm x 200 cm

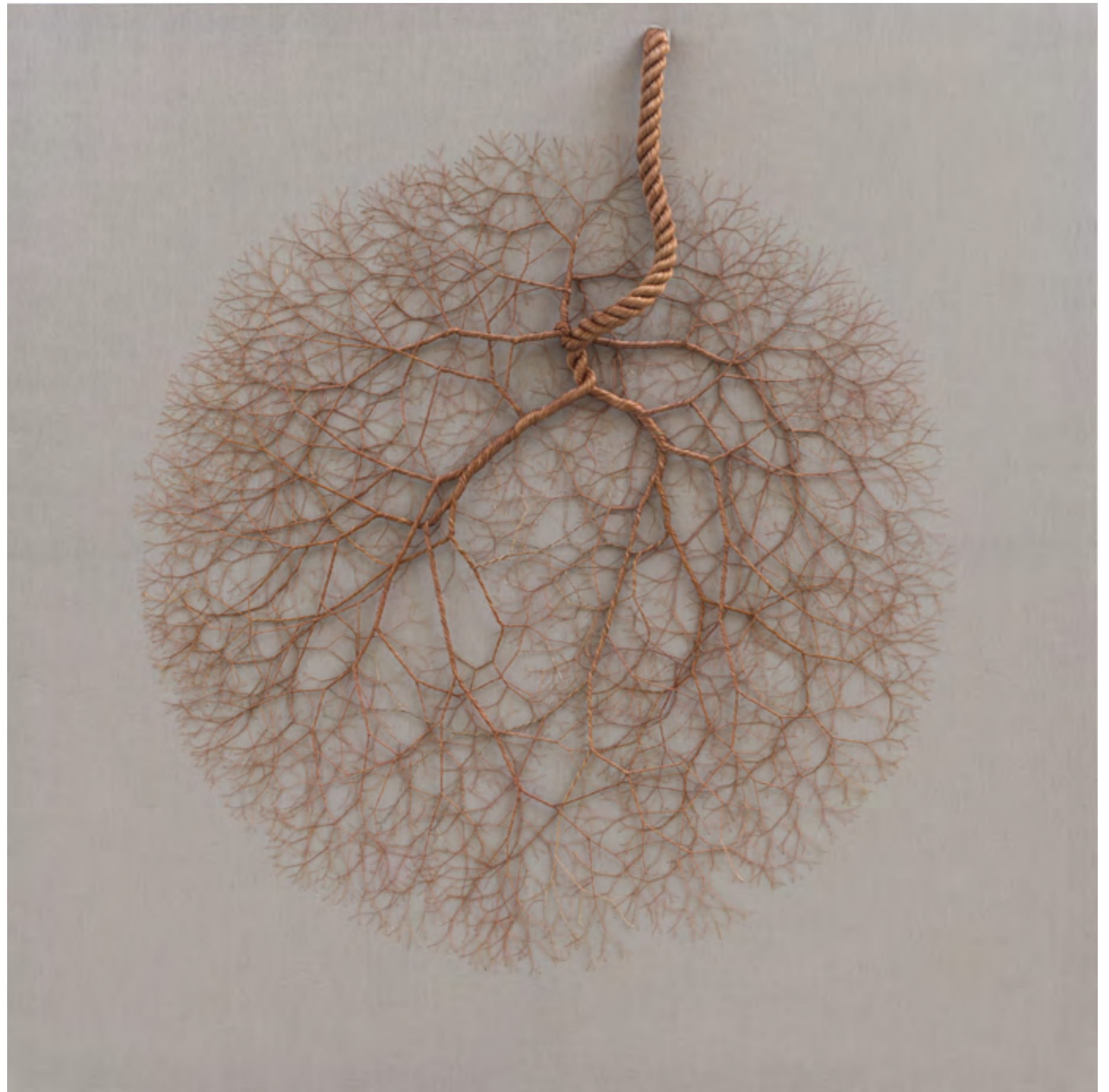
Corda em dipado, diâmetro 40mm sobre linho rustico.

Dipado nylon rope 40mm diameter on raw linen

Corde en dipado 40mm de diamètre brodée sur toile de lin brute

2017

Photo: Gui Gomes



CICLOTRAMA 123 (aglomeração)

120 cm x 85 cm

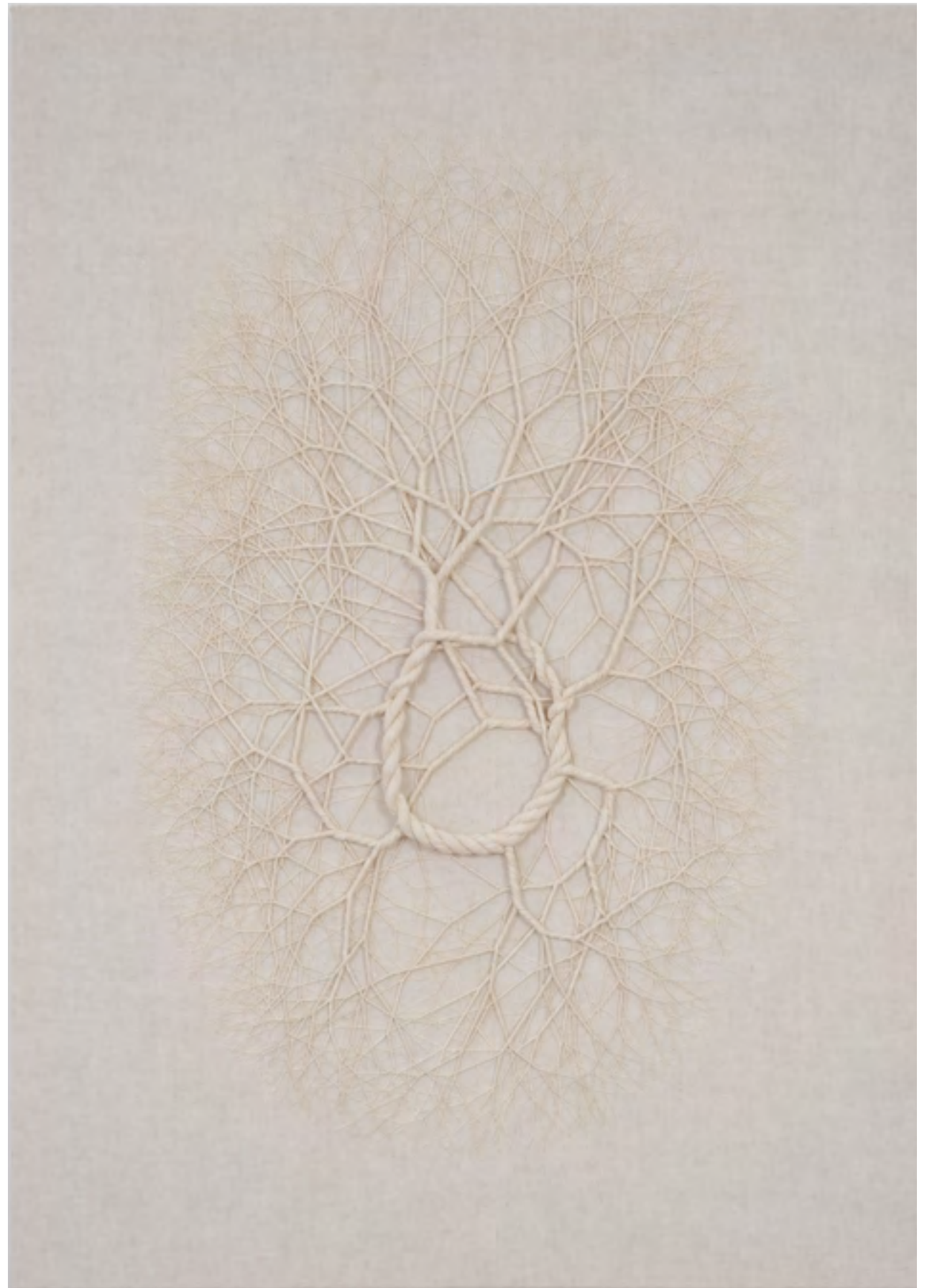
2 m de corda de algodão cru, diametro 18mm sobre linho

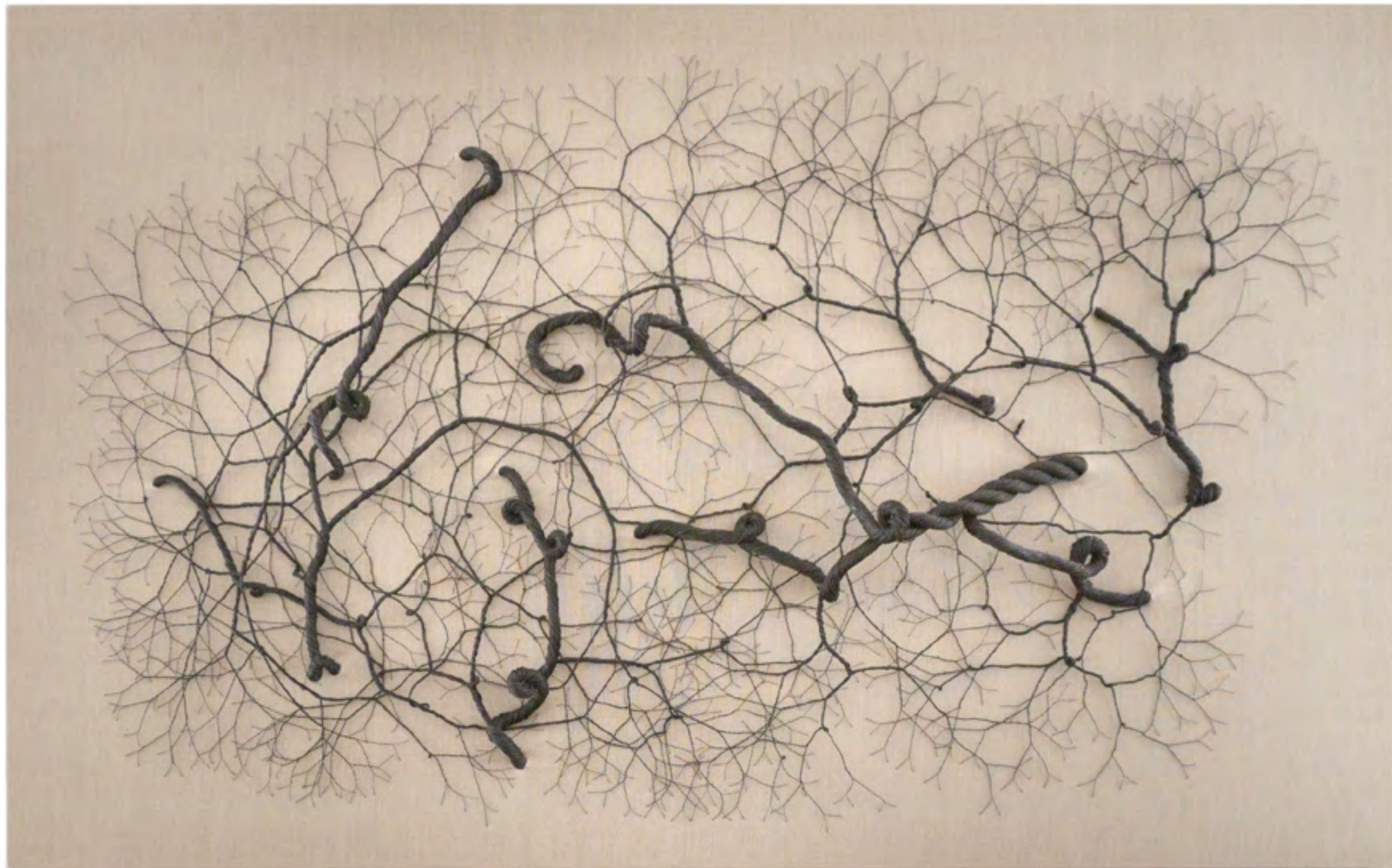
2 meters white cotton rope diameter 18mm on linen

2m de corde en coton blanche 18mm de diamètre
brodée sur toile de lin

2018

Photo: Emilie Mathé Nicolas





CICLOTRAMA 100 (descentralização)
125 cm x 200 cm

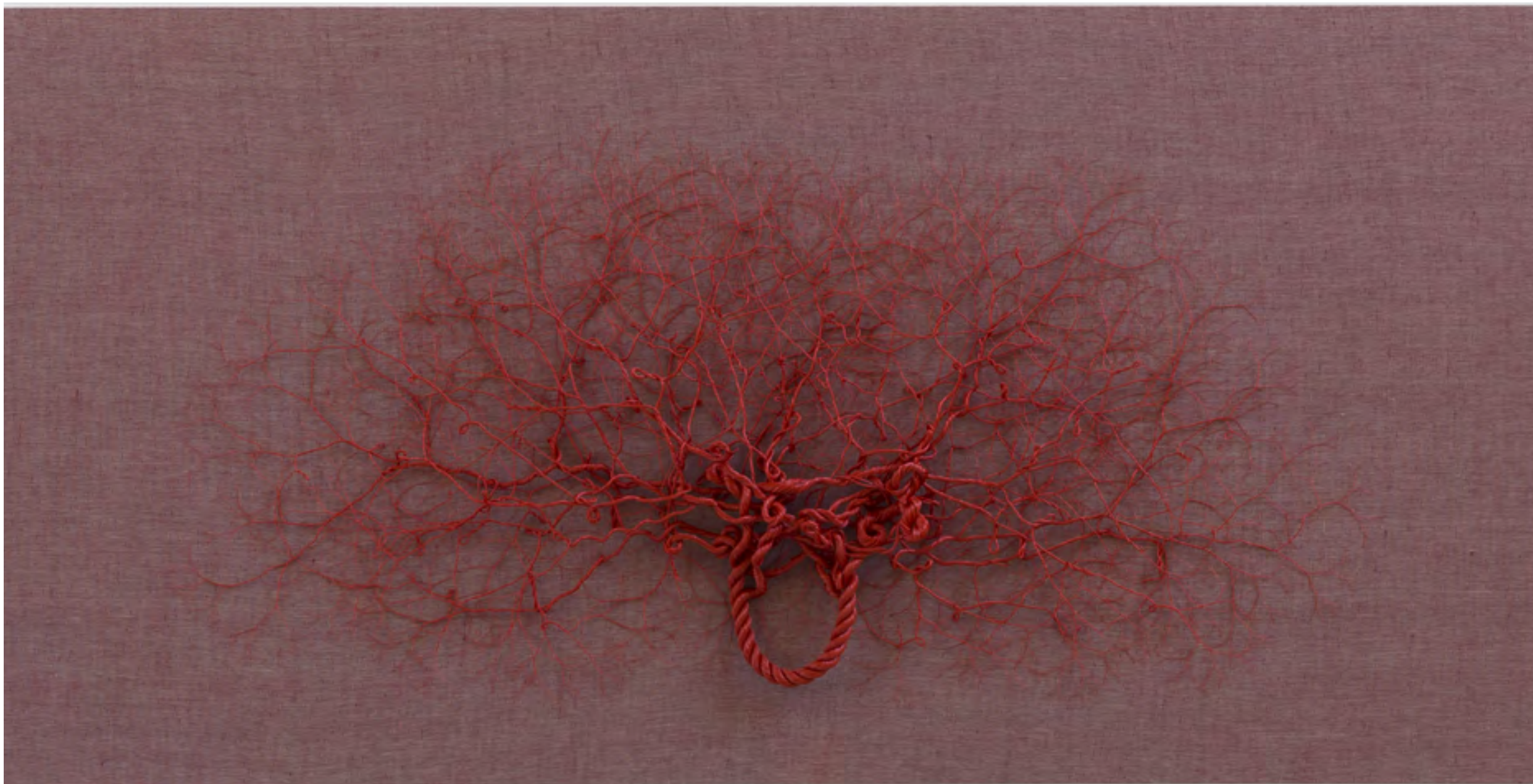
Corda em dipado preto, diâmetro 38mm sobre linho rustico.

Black dipado rope 38mm diameter on raw linen

Corde en dipado noir 38mm de diamètre brodée sur toile de lin brute

2017

Photo: Gui Gomes



CICLOTRAMA 78 (aglomeração)
110 cm x 220 cm

2m de corda de nylon vermelho, diâmetro 25mm sobre linho vermelho.

2m of red nylon rope 25mm diameter on red linen

2m de corde e nylon rouge 25mm de diamètre brodée sur toile de lin rouge

2017

Photo: Gui Gomes



CICLOTRAMA 117 (aglomeração)

106cm x 288cm

3 m de corda de algodão cru, diametro 24mm sobre linho

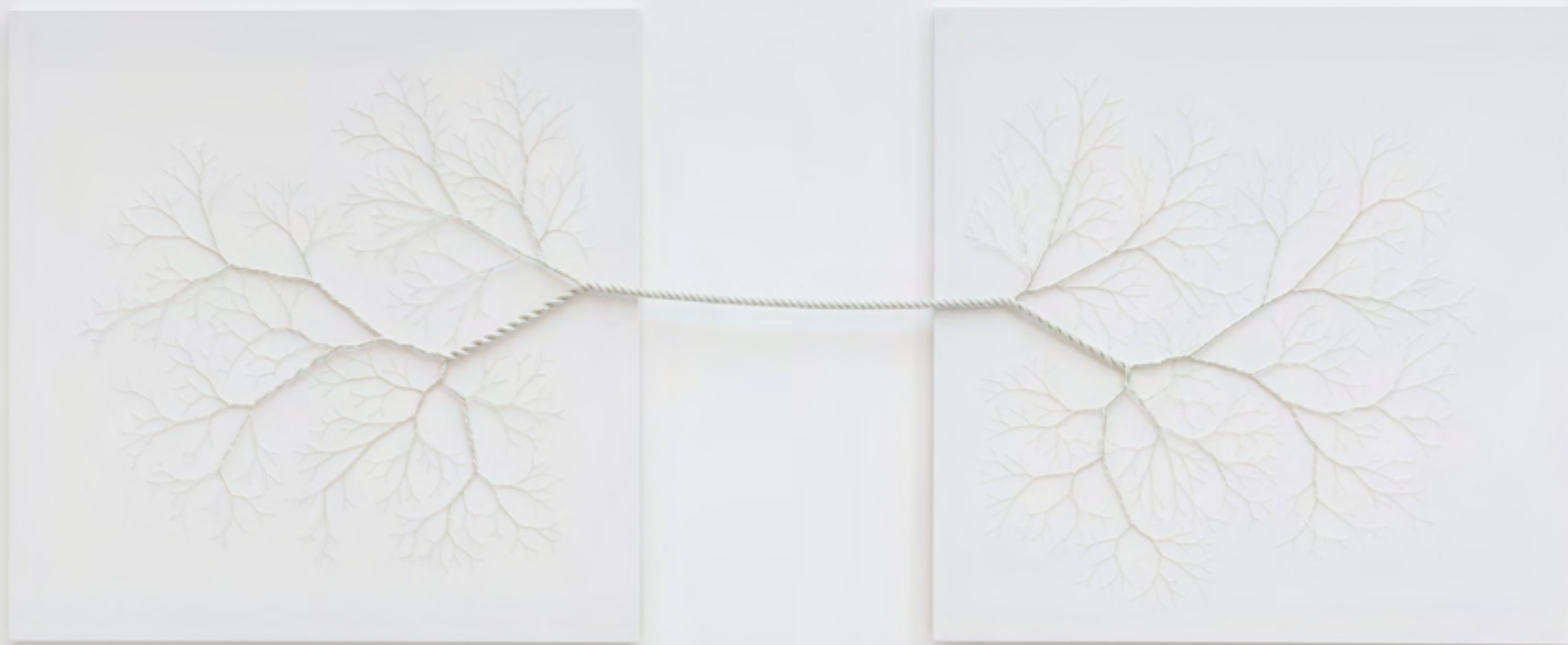
3 meters white cotton rope diameter 24mm on linen

3m de corde en coton blanche 24mm de diamètre brodée sur toile de lin

2018

Shom Hinduja Collection (India)

Pictures: Guimel Salgado



CICLOTRAMA 41 (universos paralelos)

120cm x 120cm (x2) diptico

5 meters white PET rope diameter 16mm on canvas

2016

Pictures by: Gui Gomes

AGLOMERAÇÃO (histórico até aqui)

No início eu juntava fios, fazia indivíduos se relacionarem dentro de um sistema coordenado pelo exercício matemático de Ciclotramar, ou seja, uma invenção técnica minha usada a serviço da série de trabalhos intitulada “Ciclotrama”.

Da comprida corda acomodada no chão, uma de suas pontas saía como uma erva trepadeira impregnando o espaço ou a tela de forma muito clara, desenhada como uma equação matemática num papel branco. Estas eram as Ciclotramas da série Impregnação.

Com o passar desses primeiros anos, a técnica de Ciclotramar passou a ser dominada e outros sub grupos da pesquisa vieram surgindo, como por exemplo os “universos paralelos” onde as 2 pontas da corda eram ciclotramadas em telas diferentes...

Mas em 2017, me deparei com um livro de anatomia do século 19, que trouxe uma nova camada para a minha pesquisa, foi onde eu entendi que anteriormente eu estava apenas realizando a máxima Sintopia, mas o livro me revelou o lado oposto e entrópico do mesmo sistema.

Se em impregnações eu costumava tecer de maneira lógica e cuidadosa as ramificações, agora esses mesmos ramos começam a se acumular uns sobre os outros, gerando uma obra que flerta com a concepção rizoma.

A natureza orgânica das formas arborescentes perde espaço para as formas ainda orgânicas, mas agora, como nos órgãos do corpo, na forma dos rins, do útero, do coração e assim por diante.

As cordas não são mais colocadas no chão, mas espessas e imponentes, elas crescem de dentro da tela, rasgando o tecido como uma pele.

Esta tela deixa de ser uma página em branco, agora ganha cor natural e textura do linho, agregando outra percepção e dimensão ao trabalho caracterizando-se agora como uma “Aglomeração”.

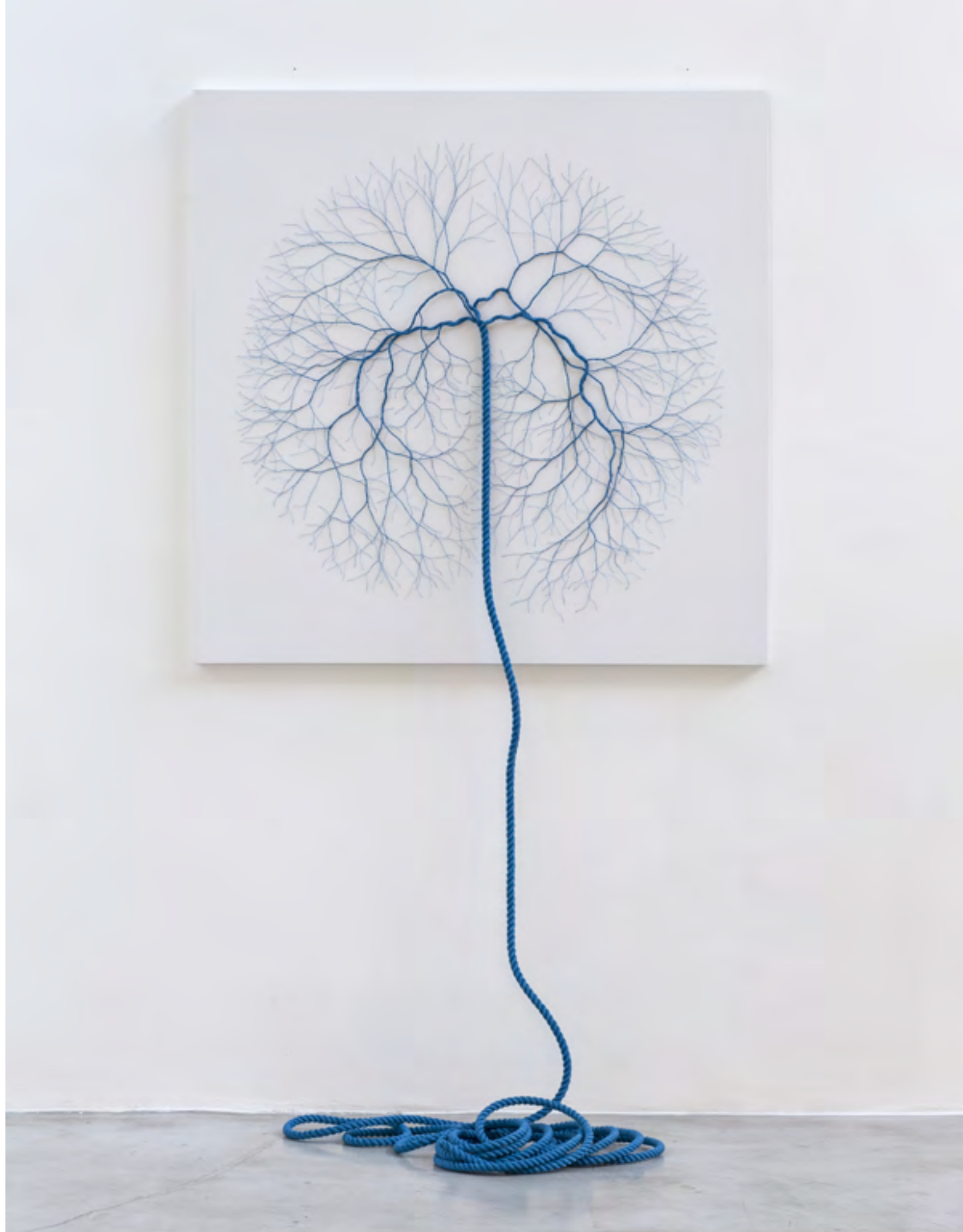
CICLOTRAMA 67 (impregnation)

120 x 120 cm

15 m de corda de nylon azul, diâmetro 16mm sobre canvas
15 metros of blue nylon rope diameter 16mm on canvas
15m de corde en nylon bleu 16mm de diamètre brodée sur toile

2016

Photo: Gui Gomes



AGLOMERAÇÃO (Brief history hitherto)

It all started with the exercise of joining threads, creating relationships between individuals through mathematical exercise invented to guide a system which I named “Ciclotrama”.

The physicality of the work gives the way, where the long rope develops from the floor into to this climbing herb, where it grabs and integrate itself into the canvas or even the space just like a mathematical equation is drawn in a blank paper. These were the Ciclotramas of the Impregnação (Impregnation) series..

Over the next few years, my Ciclotrama research evolved and generated other subgroups, such as in “parallel universe” with the encounter of two canvas linked by the same rope.

But only in 2017, I came across a 19th century anatomy book, where brought me to a new layer of my research, where I understood I was only performing to the utmost Sintopia, but the book revealed to me the opposing and Entropic side of the same system.

If in “impregnações” I used to weave in a way of let the ramifications logically and carefully apparent, now this same branches begins to accumulate one on top of the other, generating a work that flirts with the “Rizoma” conception.

The organic nature of the arborescent forms lose field for the still organic forms but now as in the organs of the body, in the form of the kidneys, the womb, the heart, and so on.

The ropes aren't placed anymore on the floor, but thick and imposing, they grow from the canvas, ripping apart the fabric as a skin.

This canvas is no longer a blank page, now it gains natural color and texture of the linen, adding another perception and dimension to the work characterising itself now as an “Agglomeração”. (Agglomeration)

CICLOTRAMA 84 (impregnação)

100 x 180 cm

15 m de corda de nylon preta, diâmetro 16mm sobre canvas
15 metros of black nylon rope diameter 16mm on canvas
15m de corde en nylon noir 16mm de diamètre brodée sur toile

2016

Jorge Gruenberg Collection (Peru)

Photo: Gui Gomes





AGLOMERAÇÃO (Brève histoire jusqu'à présent)

Tout a commencé avec un exercice d'assemblage de fils, créant des relations entre les individus à travers un exercice mathématique inventé pour guider un système que j'ai appelé "Ciclotrama".

La physicalité de l'œuvre cède le passage, la longue corde se développe du sol pour devenir cette cette herbe grimpante, où elle s'agrippe et s'intègre dans la toile ou même dans l'espace comme une équation mathématique est dessinée dans un papier blanc.

Au cours des années suivantes, mes recherches sur le Ciclotrama ont évolué et généré d'autres sous-groupes, comme dans "parallel universe » avec la rencontre de deux toiles reliées par la même corde.

Mais ce n'est qu'en 2017 que je suis tombé sur un livre d'anatomie du 19ème siècle, qui a marqué une nouvelle étape dans mes recherches, où j'ai compris que je ne faisais que de la syntopie, mais le livre m'a aussi révélé le côté opposé et entropique du même système.

Si dans les "impregnações" j'avais l'habitude de tisser de manière à laisser les ramifications logiquement et soigneusement apparentes, maintenant ces mêmes branches commencent à s'accumuler les unes sur les autres, générant finalement une œuvre qui flirte avec la conception "Rhizomes".

La nature organique des formes arborescentes perd du terrain pour faire place à les formes organiques toujours mais maintenant d'organes organes, en forme de rein, d'utérus, de cœur, etc.

Les cordes ne sont plus posées sur le sol, mais épaisses et imposantes, elles poussent de la toile, déchirant le tissu comme une peau.

Cette toile n'est plus une page blanche, elle gagne maintenant une couleur et une texture, celles naturelles du lin, ajoutant une autre perception et dimension à l'œuvre qui se caractérise maintenant comme une "Agglomeração". (Agglomération)

CICLOTRAMA 64 (impregnação)

135 x 125 cm (triptych 50cmx65cm x 3)

15 m de corda de nylon azul, diâmetro 16mm sobre canvas

15 m of blue nylon rope 16mm diameter on canvas

15m de corde en nylon bleu 16mm de diamètre brodée sur toile

2016

Graeme W Briggs Collection (Australia)





CICLOTRAMA 42 (impregnation)

120 x 480 cm triptych

25m de corda de nylon vermelha, diâmetro 24mm sobre canvas

25 m of red nylon rope, diameter 24 mm on canvas

25 m de corde en nylon rouge, diameter 16 mm brodée sur toile

2016

Photo: Gui Gomes

CICLOTRAMA 24

70 x 180 cm

20m de corda de nylon azul, diâmetro 15mm sobre canvas

20 m blue nylon rope, diameter 15 mm on canvas

20m de corde en nylon bleu, 15 mm de diamètre brodée sur
toile

2015

Photo by Emilie Mathé Nicolas



CICLOTRAMA 17 (corner)
185 x 120 cm + 185 x 155 cm

10 metros de corda de sisal, diametro 38mm e 3.000 pregos sobre canvas e madeira

10 m of sisal rope diameter 38mm and 3.000 nails on canvas and wood.

10m de corde en sisal 38mm de diamètre 3.000 clous sur toile et bois

2015



CURRICULUM

JANAINA MELLO LANDINI

www.mellolandini.com

SOLO EXHIBITIONS

2019

Aqui, agora. | Zipper Galeria | São Paulo | Brazil

2018

Aglomeração | Galerie Virginie Louvet | Paris | France

2017

Aglomeração | Galeria Macca | Cagliari | Italy

2016

Labirinto Sintrópico | Zipper Galeria | São Paulo | Brazil
Ciclotrama – Projeto Ocupa Coreto | Museu da República | Rio de Janeiro | Brazil

2015

Ciclotramas | Galerie Virginie Louvet | Paris | France
Ciclotrama 27 (medusa) | Galeria Macca | Cagliari | Italy
Ciclotrama 20 (onda) | Zipper Galeria | Sao Paulo | Brazil

2011

Paisagens | Desvio | Belo Horizonte | Brazil

2010

Ciclotrama | Espaço 2010 | Belo Horizonte | Brazil

GROUP EXHIBITIONS

2019

Ciclotrama (Matupá) | Special Comission from The Centre-Loire Valley Region | Domaine de Chaumont-Sur-Loire | France
Ciclotrama (Link) | Facebook Art Program | Menlo Park | USA
“Faux semblants” | Musée du Textile et de la Mode de Cholet | France
SP Arte Open Space | Parque do Ibirapuera | São Paulo | Brazil

2018

Monumental - Marina da Gloria | Rio de Janeiro | Brazil
Sea of desire | Fondation Carmignac | Porquerolles | France
The BIC collection | Cent Quatre | Paris | France

2017

Rijswijk Textile Biennial | Rijswijk | Netherlands
Tejidos | Galería Otros 360 | Bogotá | Colombia
The Best Bogus Botanical Garden | Hamburg | Germany
Um.Artista | Soma Galeria | Curitiba | Brazil

2016

Double Je | Palais de Tokyo | Paris | France
Cantata | Centro Cultural Minas Tênis Clube | Belo Horizonte | Brazil
Vertice | Centro Cultural dos Correios | São Paulo | Brazil

2015

Vertice | Centro Cultural dos Correios | Brasilia | Brazil
Sandra Cinto, Albano Afonso and Ateliê Fidalga | “43 visions of Fuji Mountain by Contemporar y Artists Brazilian” | The Fine Art L aborator y | Art University of Musashino | Tokyo | Japan

2014

Art for Florence – 5.0 Edition | Firenze | Italy
Duplo Olhar | Paço das Artes | Sao Paulo | Brazil
Entrecopas | Museu nacional | Brasilia | Brazil
Jardim de Adelia | SESC Palladium | Belo Horizonte | Brazil
CompartiArte | Centro Brasileiro Britanico | São Paulo | Brazil

2013

32º Arte Para | Belem | Brazil
4º Prêmio Belvedere Paraty de Arte Contemporanea | Paraty | Brazil
72º SAAP - Salao Ararense de Artes Plasticas “Antonio Rodini” | Araras | Brazil

2012

®Nova Cultura Contemporanea | CentoeQuatro | Belo Horizonte | Brazil

2011

Vivo Arte.Mov | Palacio das Artes | Belo Horizonte | Brazil
Quarto das Maravilhas | Galeria Emma Thomas | Sao Paulo | Brazil
Pequenos Formatos | Galeria Subterranea | Porto Alegre | Brazil

2010

Deserto Azul Estudio Aberto | CCBF Centro Cultural Banco do Brasil | Brasilia | Brazil
The Creators Project Brasil | Vice NY Space | Galeria Baro / Emma Thomas, Sao Paulo | Brazil

